

Boletim Social da TEBE

Director honorário: M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O nosso «Boletim»

TRÊS ANOS se passaram já desde aquele dia em que o nosso «Boletim» surgiu como um companheiro das horas livres. Creio que o estimais como o Amigo que procura levar-vos um pouco de cultura, elevando o ambiente espiritual do vosso meio, onde os bons livros dificilmente penetram. É vosso amigo o «Boletim» porque vive apenas para vós, operários da TEBE. Não é um mestre que se imponha com dureza, proclamando salutares princípios de moral, é antes o companheiro que procura orientar a nossa vida pelo alto ideal: Deus, Pátria e Família.

Muitos de vós são já homens feitos, com a sua existência organizada, mas muitos há, ainda, inexperientes e por vezes desorientados ante os complexos problemas dos nossos dias. O vosso «Boletim» procura ajudar-vos a ver de frente a vida, com os seus encantos, as suas belezas, as suas dores, injustiças, dramas, torturas, sorrisos e lágrimas. A vida compõe-se de tudo isto, mas aí daquele que não creia na verdade, no Amor, na Beleza. Enchei os vossos dias de acções justas, de trabalho digno, de amor pelo vosso semelhante e encontrareis beleza no vosso caminho, ainda que cheio de pedras ásperas e de silvados daninhos.

A Beleza da vida anda ao vosso lado, dispersa nos sorrisos das crianças acarinhadas, nos olhos reconhecidos dos velhinhos que amparais, na ternura dos abraços dos vossos pais, na carícia dos beijos da vossa mãe. A beleza encontram-na aqueles que contemplam com a alma o alvorocer do dia, as horas recolhidas do crepúsculo, o silêncio nostálgico das lindas noites em que a luz do luar anda, aos pedaços, por entre os pinhais, cai a jorros nos caminhos e espelha-se nos rios e regatos.

Eu sei que na vida há momentos de dor, de desânimo, de desorientação; mas não é no atormentamento que os esqueceis, nem os remediais com injúrias e atitudes desorientadas. Pelo contrário, é entre os que vos estimam que encontrais o conforto, é na contemplação das Verdades Cristãs, que acalmam os vossos desesperos, é na própria alma que tendes de encontrar a força para vencer os vossos intentos desornados. Para

A razão de ser do nosso «BOLETIM»

NÃO será descabido e importuno rascunhar, ao correr da pena, a razão que nos animou a fundar, em Barcelos, no seio do aglomerado fabril da TEBE, um minúsculo jornalzinho, que a persistência, a coragem, a força de vontade, têm sabido manter. sabe Deus com que sacrifício e, por vezes, dura incompreensão. Volvidos que são três anos o jornal vai-se alcandorando, a pouco e pouco, para marcar já, com certa projecção, o seu devido lugar na chamada pequena imprensa.

O jornal foi criado com o fim de levar a casa de cada trabalhador um mínimo de cultura e distração; pois bem sabemos que o homem, arrastado pela velocidade de uma vida mecanizada, precisa de distrair e recrear o espírito.

Parece-nos que não foram baldados os nossos intentos, pois são hoje os próprios trabalhadores os primeiros a propagandear e difundir este Boletim.

É certo que, de início, tivemos de enfrentar uma crítica maninha, satirizando, na sombra, as nossas sinceras e leais intenções. Agora, porém, esses indivíduos que nos criticavam e achavam impossível a manutenção deste jornal consagram-nos um direito — o de afirmarmos, como Cristina da Suécia:

«Os homens sempre desaprovam o que são incapazes de fazer».

E assim, volvidos três anos, suportando e enfrentando intrigas e afrontas, desgostos e horas de desânimo, marchamos inteirados do sacrifício da nossa missão com a esperança de alcançarmos o caminho desejado: levar a bom porto o barco dos nossos intentos.

Continuaremos a ser leais, justos e bem intencionados, embora saibamos, que o remorso de alguns se pode traduzir nestas palavras de Camilo Castelo Branco:

«O remorso o que é? É a reacção da virtude contra o crime». Mas quanto maior for o crime de uma acusação inocente mais deve ser a extensão do remorso. Portanto a ofensa por muito grande que seja nem sempre atinge a altura de uma alma elevada, é por isso que nem sempre a opinião alheia é filha de uma consciência própria. E sendo assim a opinião de uma minoria torna-se força e potência porque se alia à audácia e à cobardia.

Bem dizia Rosseaux: «Para reinar na opinião é necessário reinar antecipadamente nela».

Mas seja como for encontramos hoje a restituição daquilo que sempre tentaram afastar de nós: o respeito. O resto, a justiça, não acreditamos nela enquanto os juizes iníquos povoarem os caminhos do mundo.

O nosso jornal não pede justiça nem nós tão pouco; o que pedimos é compreensão para que a nossa missão se complete na verdade e no amor.

isso o espírito deve estar fortalecido por um domínio constante da vontade. Infelizmente o que hoje falta aos homens é esta sua principal faculdade — a vontade.

Poucos fazem o que devem e muitos são, os que fazem o que lhes apetece. Trabalham por necessidade, repousam quando as forças a tal os obrigam, vivem à mercê de apetites, sem um rumo a orientar a sua vida pelo caminho do Dever. Tristes vidas as que não são dirigidas no sentido de apreciarem e conhecerem a beleza que nos encanta, o amor que nos

sublima, a Justiça que nos ampara.

Propôs-se o nosso «Boletim» desde o primeiro dia acompanhar-nos lado a lado, chamando a nossa atenção para este ideal que deve nortear todo o homem digno: Deus, Pátria e Família.

Julgamos que nunca dele nos afastamos e gostaríamos que, conosco, todos os nossos camaradas de trabalho o soubessem viver dignamente, honrando a fábrica em que trabalham, elevando o nível de vida do nosso povo, a quem já não faltam os meios de cultura.

SALVÉ O «Boletim Social da TEBE»

QUERO expressar os meus parabéns ao ilustre timoneiro do «Boletim Social da TEBE», felicitando-o por mais este aniversário.

A vossa barca leva a todas as rotas a cruzada da verdade, da justiça e do amor, navegando serena, com força bastante para não se deixar submergir. Deus permita que chegue a porto de salvamento.

O mar, por vezes, apresenta-se-vos agitado; mas vós, como bom piloto sabeis levar a barca a bom termo.

António Baptista, já maduro nas letras, insatisfeito na beleza da forma e insatisfeito do panorama social, dirige a sua barca, com as velas brancas da verdade, ao porto da justiça e da honra. Por estas razões bem merece o nosso carinho e incondicional simpatia.

O «Boletim Social da TEBE», de trabalhadores para trabalhadores, é um jornal que se tornou mentor da classe trabalhadora e respeitado por toda a gente de todas as condições.

Renovando os meus mais sinceros votos de longa duração abraça-o o muito amigo

Celso Cunha

Silêncio

Na penumbra húmida do vago.
Contacto o inefável do longe
e perco-me a cismar nas
coisas, na volúpia espiritual
das coisas...

É a música das coisas
é um lancinante
apelo de mistério...
que extravasa e foge
dos tímpanos inúteis
duma excepcional ocasião...

Por isso arrebató-me
nas maresias oceánicas
dum silêncio de febre...

E infiltro-me no vago
e no distante...

Em comentários sem comentário.

Inédito de ABEL DE CASTRO



TODA A GENTE QUER COMPREENDER A PINTURA.
POR QUE NÃO TENTAM COMPREENDER O
CANTO DOS PÁSSAROS? PORQUE É QUE
SE GOSTA DE UMA NOITE, DE UMA
FLOR, DE TUDO QUE RODEIA
O HOMEM SEM SE TENTAR
COMPREENDÊ-LO?

PICASSO

O CAFÉ

Conto de FERNANDO LOPES

PELA tardinha. Uma luz amarela, horizontal, inundava a cidade duma melancolia morna. O domingo chato morria sem um estertor. Nas faixas de paralelepípedos varridos da noite anterior rodavam carros desarrvorados, alheios ao meu tédio, ao tédio da cidade. E na relva do jardim um cão pinoteava, fazia correrias malucas, espoliava-se e quando lhe dava na gana levantava uma pata e urinava nas flores.

E eu no Café, mole, bambo, a contar as horas, a tentar divertir-me com o descaramento do cão, a imaginar ironias nas urinadelas do cão... Chegavam-me aos ouvidos desatentos farrapos de conversas, o bater irritante das pedras do dominó, o ruído monótono duma máquina eléctrica de moer café.

— Dominó!

Então um carro amarelo, descapotado, um « espada » de alto lá com ele, veio de mansinho, leve como um gato, e parou à porta do estabelecimento. Que marca teria aquele carro? Não percebo de marcas nem de carros. Há tipos capazes de descobrir a marca dum carro só pelo ruído do motor. São infalíveis: é um Hudson, é um Ford, é um Fiat 1600 — e é. São tipos de caco. Eu não, não percebo de marcas.

— Eia, pá! Qu'espada! Pr'ái trezentos mil dele! — disse um destes meninos de luxo que se vêem às esquinas a farejar saias de nova e velha, babadinhos da poupinha no cabelo.

Um sujeitão pesado saía do carro amarelo e dizia para a mulher: « anda, toma qualquer coisa ». O Silva, mais magrinho e nervoso que habitualmente, tentava pôr

em ordem o « papillon » amarrado.

— Que molas, pá! o gajo até aninhou!

— Grande lasca, pá! Se calhar é filha...

— Filha o raio! Quietos, pá... deixa-me ver...

Esqueci o cão que urinava nas flores. Era uma mulher bonita, nova ainda, um certo ar de enjoo e resignação; uma madeixa de cabelo negro, teimosa, caía-lhe sobre a testa ampla. « Vou-lhe ver uma perna, — pensava eu — se saír pela porta de cá vou-lhe ver uma perna! » A beleza humana da mulher ofuscou a beleza mecânica do carro amarelo. Percebi logo que não era filha.

— V. Ex.ª...

O sujeito gordo, já dentro do Café, amparando-se a uma bengala com incrustações de prata, esperava a mulher que batia a porta do carro amarelo. A sua lata bochechuda, de carnes molinhas como a barriguinha dum bebé, era a lata dum doente. O reumatismo estava na bengala com incrustações de prata.

— V. Ex.ª...

— Para mim, águas. E tu?

— Chá. Chá e bolos — disse a mulher.

O Silva, ligeiro, a farejar gorjeta grossa, sumiu-se por momentos. O sujeito suspirou e fez uma careta. O menino da poupa passava e voltava a passar em frente do casal. Pesados, os olhos do sujeito gordo caíam na frescura da mulher que alvoroçava o menino. Ao fundo do « Café Imperial », deste Café que sempre me fez lembrar um comprido caixote, a careca do proprietário, um grandalhão de longos braços de macaco e falas azedas, luzia batida por uma fita amarela de sol. Um rádio, a pingar sentimento, transmitia um fado.

— Passo — disse um dos parceiros do dominó.

O Silva voltava com as águas, o chá e os bolos. Descarado,

(Continua na página 7)

O resto da bomba atómica

POR EDMUNDO CURVELO

A FINAL o Senhor Homem Qualquer decidiu dar acórdio de si e escreveu-me dizendo que, em seu entender, no meu artigo havia *matemáticas Picassianas* (transcrevo a expressão do Senhor Homem Qualquer) a mais e bomba atómica a menos. As matemáticas do artigo tinha-as encontrado tão loucas como um quadro de Picasso, e de bomba atómica nem sombras.

Pois bem, Senhor Homem Qualquer. Se não fui mais além no artigo foi para não o enfadar com mais matemáticas loucas. Mas já que reprova o meu comedimento, então aí vai a continuação, que não lhe posso dar senão em estilo matemático também.

Usando as tais matemáticas loucas, como pode ver em qualquer obra sobre a Relatividade, consegue-se, ao fim de muitas canseiras que eu aqui omito para não o indispor mais comigo, estabelecer a seguinte equação:

$$E = B m c^2 - m c^2$$

que exprime a energia, E, em termos da massa em repouso, m, e da velocidade da luz c, sendo B um factor de correcção. Por outro lado, a massa em repouso exprime-se por:

$$m = \frac{m'}{B}$$

onde m' é a massa em movimento. Daqui resulta, Senhor Homem Qualquer, que a primeira equação pode assumir qualquer das seguintes formas:

$$E = B \frac{m'}{B} c^2 - m c^2$$

$$E = m' c^2 - m c^2$$

$$E = c^2 (m' - m)$$

Não o enfado mais, Senhor Homem Qualquer. Isto é já o fim. Se o Senhor Homem Qualquer não se enfatiasse tanto com a matemática e prestasse dois dedos de atenção ao que lhe estou pondo diante dos olhos, teria visto já o que significam as duas últimas equações. Só isto: a qualquer aumento na massa de m para m' corresponde em aumento c² vezes maior na energia. Se o Senhor Homem Qualquer folheasse

mais os livros de matemática e de física saberia que, segundo a teoria da Relatividade, a massa e a energia são uma e a mesma coisa, são duas manifestações diferentes da uma e mesma coisa. Em conclusão, Senhor Homem Qualquer, a um ligeiro aumento na aspecto massa corresponde um gigantesco aumento no aspecto energia. Qualquer aspecto massa tão insignificante como um átomo assume valor enorme quando se transforma no aspecto energia. É isto que se quer dizer quando se afirma que da desintegração do átomo resulta uma formidável libertação de energia. A particularidade que caracteriza o uso da bomba atómica é canalizar essa formidável libertação de energia para efeitos destruidores.

Talvez o Senhor Homem Qualquer não fique mais satisfeito com este meu sermão de hoje do que ficou com o da outra vez. Mas lembre-se que se quisesse mais pormenores teria de voltar às matemáticas loucas e travar conhecimento com feras tão terríveis como são uns animais chamados matrizes, vectores e tensores, além de ter de voltar aos sistemas de coordenadas de referência, às transformações, e as álgebras ainda mais loucas do que aquelas que lhe falei da outra vez. Nessas, é bem verdade que é válida esta igualdade que o Senhor Homem Qualquer acha descabeçada:

$$2 \times 3 = 1,$$

mas ao menos valha-nos que tanto faz multiplicarmos 2 por 3 como multiplicarmos 3 por 2, o resultado é sempre 1:

$$2 \times 3 = 3 \times 2 = 1.$$

Mas nas contas com as quais o Senhor Homem Qualquer teria de se haver, o resultado da operação

$$a \times b$$

seria diferente o resultado da operação

$$b \times a$$

Como por nada deste mundo desejo que o Senhor Homem Qualquer corte relações comigo, por aqui fico, tendo a honra de lhe endereçar as mais cordeais saudações o seu servidor.

O nosso exclusivo ACABAMENTO FIXAFIL não encolhe

S. MAMEDE DE INFESTA

End. Teleg. FIL
Apartado 12

S. MAMEDE DE INFESTA

Telefones | 171
| 172**FIL-FIAÇÃO DO LEÇA, LIMITADA**RUA DE SANTOS DIAS — S. MAMEDE DE INFESTA
PORTUGAL

FIAÇÃO — TECIDOS — ACABAMENTOS

ESPECIALIZADA EM ACABAMENTOS

COM A MAIS MODERNA INSTALAÇÃO DO PAÍS

*Branqueação — Mercerização — Tinturaria — Estamparia — Cardação — Flocagem
Polimerização — Acabamento anti-ruga e acabamento FIXAFIL*

PARA

Nylon : Algodão : Seda : Mistos : Tecidos e Malhas

N. B. — Todos os acabamentos feitos na nossa Fábrica são marcados nas ourelas.

Exija FIXAFIL — não encolhe.

Exija FIXAFIL — não encolhe.

A U. N. E. S. C. O. e a Imprensa

UNESCO — é a forma de denominar a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Certamente que a maior parte dos leitores desconhece qual a finalidade e os objectivos da UNESCO. Mas o que não desconhece, com certeza, é que Portugal é um dos países nela representados.

O objectivo inicial da UNESCO, logo após a sua criação em 1945, foi conseguir a manutenção da Paz e a segurança dos Povos.

Positivamente que só com um desenvolvimento educativo, cultural e científico, se poderá reforçar a Paz. E neste desenvolvimento consiste sem dúvida a mais dura e difícil tarefa da UNESCO.

A nossa Imprensa, quer a dos grandes centros, quer a da província, está longe de dedicar um pouco das suas páginas à divulgação dos princípios que impuseram a criação da UNESCO. Talvez porque do ponto de vista económico essa divulgação não lhe traga as vantagens que lhe oferece a exploração tendenciosa dos casos desportivos.

Mas, como disse, Portugal é um dos países representados na UNESCO; naturalmente, como tal, o nosso País tem de estar activamente interessado no respeito universal pelos direitos do

homem, na divulgação desses direitos. Ora, sendo a Imprensa uma das maiores, talvez a maior das fontes de divulgação das sociedades modernas, cabe-lhe urgentemente uma revisão da sua orientação. Sem tal revisão a nossa Imprensa não ocupará coerentemente o seu lugar de divulgadora de princípios, pelo menos daqueles princípios que Portugal, como membro da UNESCO, se propôs levar aos homens para defesa e elevação dos homens.

Para além das minuciosas bibliotecas sobre suas Excelências os filhos da Soberana de Inglaterra, para além dos sucessos mais ou menos fabricados de qualquer fadista que vai ao estrangeiro, para além de essa fadista ser ou não ser o nosso maior caso artístico, algo há que muito mais interessa o leitor da grande Imprensa: as obrigações que Portugal contrai como membro no concerto das Nações responsáveis.

A paz ainda não está definitivamente consolidada. Os direitos do Homem ainda não estão definitivamente consolidados.

Imensas dificuldades ainda se levantam. Consentir conscientemente nessas dificuldades é o maior crime dos homens!

A UNESCO e outras Organizações lutam e lutarão poderosamente

Crianças, as almas bondosas da nossa terra...

QUE seria o mundo sem crianças?!... Um céu sem estrelas, um jardim sem flores! São elas, os anjos terrestres, que muitas vezes fazem sentir a sua acção naqueles que as rodeiam e que lhes dão a razão de viver.

A criança é expansiva, alegre, despreocupada, e torna o ambiente menos saturado e portanto, mais suportável.

Como é consolador para os pais, depois de um dia inteiro de trabalho, regressarem ao ambiente amoroso do seu lar sentindo-se envoltos por uns bracinhos frágeis e ouvirem o tagarelar dos seus pequeninos!

Os avós, revêm-se nesses anjos, que são os continuadores dos seus nomes. E sentem-se satisfeitos, quando após mil travessuras, lhes sobem pelos joelhos, e meigamente, lhes pedem para contarem aquela história, que no outro dia lhes prometeu. Os bons velhinhos, com um sorriso de meiguice e saudade, repetem, incessantemente o «era uma vez...» São esses os

samente a favor da Paz e da Cultura. A Imprensa portuguesa, como a nossa maior fonte de divulgação, cabem enormes responsabilidades nesta luta.

Manuel Lemos da Silva

momentos mais felizes, confundindo-se nas brincadeiras com os seus netinhos, revivendo novamente os tempos infantis e esquecendo-se por completo, que a morte em breve virá.

Encanta-nos uma criança, cuja língua, em disfarce, tenta gaguejar os seus pensamentos, transparecendo a simplicidade e a realidade do seu sentir.

Pobres daquelas, que sem lar nem pão, vagueiam pelo mundo, como farrapitos dispersos pelo ar, que o vento consigo arrasta para onde quer, para onde lhe apraz. Poemas esfarrapados, como as vestes que envolvem os seus delicados corpicos, corações despedaçados, que nunca sentiram um afago, uma ternura, ... Almas sem rumo, onde faz som quer o bem, quer o mal.

Evoco a poesia «Balada de Neve», do nosso desaparecido poeta Augusto Gil, principalmente, quando ele diz que ficou como que perplexo ao ver pegada de crianças nos sulcos de neve... E, eu da mesma maneira, fico maguando, porque é que esses anjinhos, sem outra origem, senão a que os pais lhe deram, são por vezes, pedaços de lama, enfim, Anjos Marcados pela desdita.

Sendo a criança o ser mais delicado, compete-nos amá-la e educá-la, para que essa delicadeza se mantenha e se desenvolva, a fim

FÁBRICA DE
CARTONAGEM



FLUMINENSE

DE

A. Fernandes

EMBALAGENS EM CARTÃO PARA
TODAS AS APLICAÇÕES

CARTONAGENS
DE LUXO



RUA ALVES DA VEIGA, 205

TELEF. 25372

PORTO

N. da R.

Por nos ser entregue demasiado tarde algum original não o pudemos publicar.

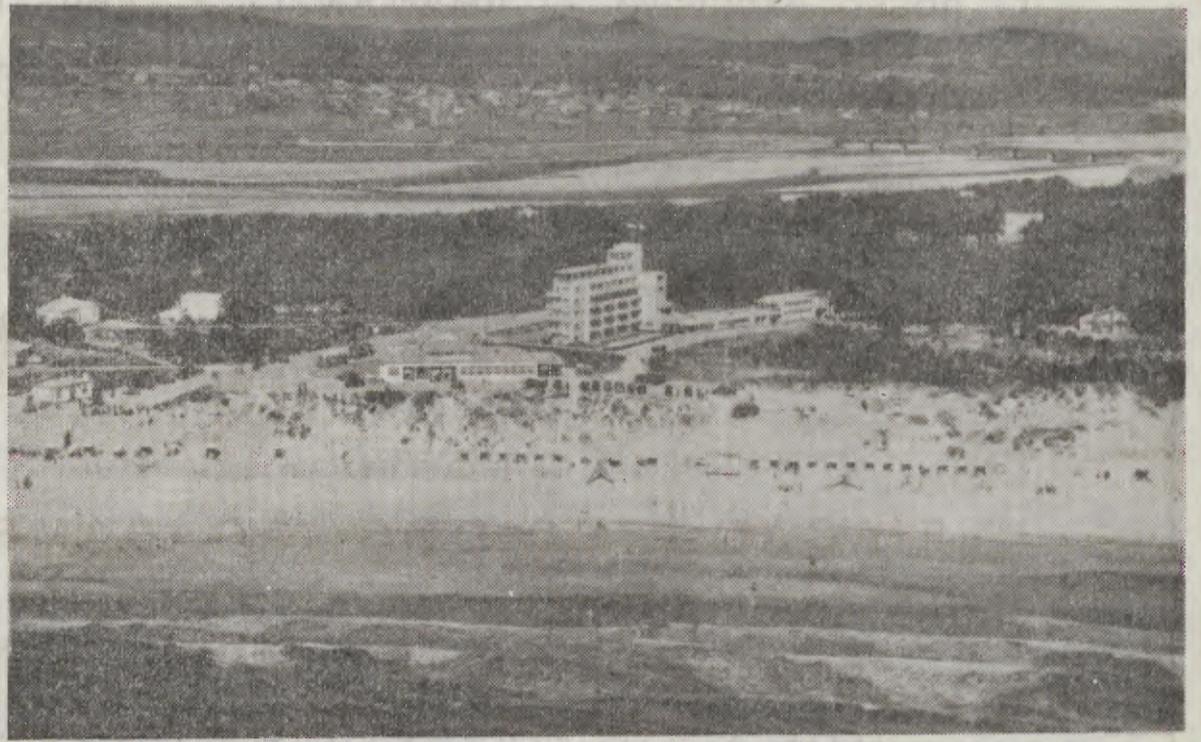
de que culmine nela, a par dum corpo são, uma alma sã, para mais tarde garantir um futuro próspero e digno.

Amá-la, não é só rodeá-la de todas as meiguices, satisfazendo-lhe todos os caprichos, mas sim, contrariá-la se preciso for, expulsando-lhe da alma, tudo o que a não dignifique.

Pedagogia, cuja palavra, traduz a ciência daquilo que versa, contém certas regras, intimamente ligadas com a Psicologia, ajudando a formar cidadãos modelos de que uma nação se pode ufanar. Felizmente, nos nossos dias, durante o tempo que passam nas escolas, Liceus, Institutos, Universidades, estudam-se profundamente estas duas ciências, e algumas medidas são de tal maneira importantes, que os mestres vêem com orgulho o rápido progresso dos seus discípulos. E é desta maneira, que vemos espíritos tão precoces, que se manifestam quer artisticamente, quer literariamente, etc....

Educar convenientemente a criança, é garantir ao País a paz e a prosperidade, elevando assim a raça, dando-lhe uma projecção imortal que os outros povos venerarão como símbolo de perfeição Nacional!

Sidónio Ferreira



A PRAIA DO OFIR

PORTUGAL, País sublime de encantos naturais, vive banhado pelas salsas ondas do oceano.

Ao percorrermos a orla marítima encontramos uma praia que nos encanta e suaviza. Essa praia é a do Ofir.

Por um lado, perturba-nos com a sua poesia plena de um aroma que se desprende da frondosa mata dos pinheiros, aromatizando o ar e tornando o clima excelentemente aprazível, sendo preferido de nacionais e estrangeiros.

Por outro lado, temos o areal da praia, um dos melhores e mais apetecíveis da petizada. A miudagem, ali, nessa planura infinda, pode brincar à vontade e sem receio de perigo.

Por estas razões e outras mais, a praia do Ofir constitui hoje, sem favor, um dos recantos mais adoráveis de Portugal.

Por isso não é de estranhar que estrangeiros a visitem com crescente interesse. Ainda este ano assistimos à vinda de inúmeros ingleses e franceses, que, embriagados de iodo e de sol, com vivas saudades partiram.

Os ingleses, principalmente, encontram nesta praia—dizem eles e é verdade—a plenitude dum Sol que os perturba e que, certamente, não mais poderão olvidar.

O Sol do Ofir, cheio de grandeza, é um farol de luz a inundar constantemente a rebeldia das on-

das que encharcadas de efeitos graciosos, constituem um painel animado em eterno encantamento.

As inúmeras casinhas espalhadas pelo imenso pinhal tornam o conjunto de tal modo encantador que nos subjugam e avassalam... As casas colocadas em sítios magníficos são gritos de cal com policromados efeitos...

O hotel Ofir, um dos mais modernos e melhor apetrechados do País, é um cartaz imponente, de comodidade e conforto; mas gracioso e acolhedor.

O seu serviço, primorosamente estudado, satisfaz os paladares mais exigentes.

Além de tudo o mais o corpo directivo do Ofir, moldado na arte requintada do bem servir, não se poupa a esforços, encantando pela lhanza do trato e da educação.

Eis, em síntese, algumas despreziosas pinceladas a confirmar a sublimidade de uma das melhores e mais belas praias do mundo — a praia do Ofir.

E este interesse, esta predilecção por Ofir já remonta a longínquas eras em que as lendas do Ofir corriam de boca em boca como talismã sagrado em terra de fadas. Gostosamente transcrevemos algumas palavras plasmadas pela pena de Marques da Cunha, que nos fala assim:

«... E agora entre a cortina verde dos pinheiros, o murmúrio cantante da corrente do Cávado

e a vastidão imensa do marulhoso Atlântico, escutemos a voz misteriosa do Tempo — na embaladora narrativa duma das suas maravilhosas lendas: «Aqui na vizinhança da opulenta cidade de Aguas Celenas, floresceu outrora o deslumbrante eldorado de Ofir, donde as aventureiras naves de Salomão partiam carregadas de ouro puríssimo, destinado à construção do seu sumptuoso templo — o seu divino fanum, cuja invocação viria a inspirar depois o breve e delicado nome desta praia encantadora. Em testemunho de gratidão pelas fabulosas riquezas que os seus navios transportavam desde estas paragens do litoral ibérico, aquele rei prudente e magnífico quis presentear condignamente o eldorado do Ofir, ofertando-lhe os melhores corceis que em todo o mundo então havia. O destino, porém, caprichou em tornar mais valiosa e mais duradoura ainda aquela dádiva gentil e preciosa. E, assim, arrebatada por uma medonha tempestade, a frota salomónica foi despedaçar-se de encontro à penedia do recifoso promontório de Avaro, sobre a qual os fogosos e famosos cavaleiros ficaram para sempre petrificados — como que eternamente cativos da incomparável beleza da praia mais linda que jámais tinham visto...»

António Baptista

EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, LIMITADA

MALHAS ❖ PASSAMANARIAS

BARCELOS

TELEFS. { 8385-8386
 { Gerência 8411

PORTO

Telefone 22933

António Peig

LIMITADA

Máquinas têxteis e Fibras
artificiais

Telefone 26362 — Telegramas PESEDAS

Rua Firmeza, 570

PORTO

O CAFÉ

(Continuação da página 4)

atrevido, grosso, eu olhava a mulher. E o menino da poupa não desistia: passava e voltava a passar, alisava a poupa, ria, ia até à porta, voltava. O sujeito bebia, alheio ao menino.

— Passo.

Não sei porque imaginei nos lábios da mulher um poema vivo, vivo e vermelho. Sei que a imagem ainda vive, para mim os lábios dela continuam um poema, um poema vivo e vermelho. Disparate! Nunca tive quedas para poeta e as minhas leituras pouco vão além do «Século» e dum reles jornal local, que agarro de borla no Café. Porquê então o disparate do poema vivo e vermelho? Mas não é só o poema vermelho que me surpreende: é toda uma longa fiada de raciocínios idiotas com que pretendi, no íntimo, inferiorizar o sujeito gordo, todos os detalhes, talvez todo o rancor que os inspirou e a facilidade com que neles logo finquei pé. Reumatismo... Idade... Carnes moles como a barriguinha dum bebé... Jesus, onde chega um tratante só porque detesta um sujeito gordo! Despeito? Não! Vontade de possuir também um

carro amarelo, vontade de poder sustentar também uma mulher como a do sujeito do carro amarelo!

O homem dos longos braços de macaco abeirou-se do rádio e adeus fadista que se deixou de choradeiras. Os guinchos histéricos dum clarinete tomaram-lhe o lugar. O homem sorria: faro comercial, gosto musical, só a careca não era para ele uma das suas muitas e preciosas qualidades. Mas o «Imperial» podia gabar-se da sua «clientela fina». Faro comercial, tato, gosto!

O sujeito gordo acabava com as águas. Um calo doía-lhe. Azar. Diabo de mesas tão incómodas. Esqueceu o calo e olhou vaidoso o carro amarelo parado à porta. «Faro industrial, dinamismo, subtil percepção das oportunidades! Dezoito litros só! Carro bestial! E o Teles com aquela treta do Packard!» Esqueceu a gasolina, o Teles, o Packard, e deixou cair um olho na mulher que, deixando esfriar o chá, parecia longe, semicerrados os olhos negros e belos como o cabelo, um sorriso distraído brincando-lhe aos cantos dos lábios. «Ah, o sorriso da mulher! Sim senhor, tudo bem se não fosse o reumatismo, a chaticice da bengala. Um especialista, o maior especialista havia de curá-lo! Iria a Londres, a Nova Iorque, até ao inferno iria. O sorriso seria dele, finalmente seria dele!»

— Dominó!

O clarinete, que diabo parecia o clarinete? Música? Bolas, trampa para a música! Mas o sujeito gordo não ouvia o clarinete. O seu olho inflamado, de tipo que conhece coisas, entrava guloso pelo decote da blusa da mulher. «A sua mulher! O sorriso da sua mulher!» Um sorriso engrossou nos lábios do sujeito do carro amarelo. «A sua mulher!» Recordava. O calo doía-lhe, o reumatismo atormentava-o, mas o sujeito recordava. O olho guloso crescia, arredondava, o decote da mulher aproximava-se.

Recordava, e o que recordava dizia-o bem o olho guloso que crescia, que arredondava quando o decote da mulher se aproximava.

Nela, ainda o mesmo sorriso brincando-lhe distraído aos cantos dos lábios vermelhos e vivos como um poema. Sonhava, longe. O chá esfriava. Com quem sonhava?

Iria a Londres, a Nova Iorque. Um especialista havia de curá-lo. A mulher sorriria para ele, seria dele.

— Silva, um «fino».

— Gelado?

— Gelado, pois.

Inveja ao carro amarelo, à mulher, um despeitado. Vontade de acreditar em porcarias que me dão prazer. O poema vermelho é uma cretinice. O homem não irá a Londres, a Nova Iorque.

O menino da poupa portou-se como um imbecil. Tanto alisou a poupa, tanto foi até à porta e voltou da porta, que o sujeito gordo deu pelo atrevido. E o menino encolheu-se, raspou-se num susto. «Petulante, fedelho dum figa!» O menino passou a fazer à distância o seu jogo palerma e o resultado viu-se: o sujeito cravou o olho em mim. Tive que disfarçar, encolher-me também.

— Dominó!

Grandes parvos. Uma tarde inteira no jogo! Nem reparavam no olho do sujeito, no sorriso da mulher, na patifaria do fedelho.

O ruído monótono da máquina de moer café punha-me os nervos num molho. Olhei o jardim. O cão tinha ido urinar outras flores. Chamei o Silva.

— Um «fino».

— Gelado?

O sujeito acalmou-se. Julgou-me um traste inofensivo. Estava ali colado por acaso, alheio ao seu reumático crónico, aos olhos negros da mulher.

Mas o chá e os bolos permaneciam esquecidos sobre a mesa de vidro. O sujeito já bebera as águas e a mulher nem dera pela chegada do Silva com a bandeja — não dera por nada. Estava longe, alheia ao sujeito gordo, ao dominó, às fitas do menino, ao meu «fino» gelado. Sonhava, longe. O sorriso ganhava agora um leve tom trocista, irritante. E então o sujeito voltou a achar incómodas as mesas de vidro, o calo aguilhoou-o mais. O homem sabia de coisas. Um carro amarelo não era tudo. Teria que carregar até Londres, até Nova Iorque o seu reumático desgraçado. Mas perdia a paciência. O sorriso persistente da mulher picava-o mais que o calo, queimava-o por dentro. Olhou a porta e o carro amarelo. O menino raspou-se definitivamente. O olho desconfiado circulou noutra sentida e acabou por fixar-me, mas o traste inofensivo bebia pacificamente a sua cerveja.

— Passo — gemeu ainda um dos dominó.

Só então o homem pareceu ver o chá e os bolos em que a mulher nem havia tocado. E tudo foi rápido, precipitado. O sujeito agitou-se, ansioso, uma das suas manúptas tateou nervosa as incrustações da bengala. O sorriso grosso encolheu-se e o carão avermelhado congestionou-se, o olho redondo arredondou mais. Ia esquecer-se de que era um olho civilizado, mas pareceu considerar — e desviou-se da mulher. Como se temesse mais uma dolorosa confirmação, o olho arredondado acovardou-se, percorreu todo o Café, quedou-se um instante nos tipos do dominó, acabou por esbarrar atónito num cartaz a cores em que uma atriz de cinema ostentava as suas linhas e fazia propaganda aos cigarros «Chesterfield».

Tinha-se ido a música de «jazz». O rádio transmitia agora um noticiário. Falava-se nas dificuldades dos ingleses em Chipre, no «mundo livre», no armamento do Ocidente. No único bilhar do «Imperial» um rapazote, na atitude de quem vai carambolar de «masset», olhava à procura atenções para o feito. E ela, ainda longe do chá e dos bolos e do sujeito, sorrindo o mesmo sorriso persistente, distraído...

Eram horas de eu deixar finalmente o Café. Em que me podia interessar a vida do sujeito do carro amarelo? Dali a momentos o casal largaria, iria à sua vida

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS



Piadas com barbas?... Talvez!

NOVOS RICOS

Médico — Vou aplicar-lhe uma anestesia local.

Novo-rico — Local? Ora essa! Não! Eu tenho dinheiro para pagar coisa melhor. Dê-me antes uma estrangeira.

Na livraria:

— Veja, V. Ex.^a, este livro é o maior sucesso literário do ano, e a primeira edição está a esgotar-se com desusada rapidez!

Novo-rico — Bem, mande-me uma dúzia a casa.

Qual é a sua opinião sobre o teatro geral?

Novo-rico — Oh! Eu nunca vou ao teatro em geral. Só vou de camarote.

Corrigenda

Na página 10, no poema «A Pinhel», onde se lê «tempos», leia-se «templos».

— Na página 14, onde se lê «tornaram», leia-se «tomaram».

— Na página 14, no poema «A Barcelos», onde se lê «inédito», leia-se «repetido».

PINTOR GONÇALVES TORRES

Os desenhos que completam este número são do pintor barcelense Gonçalves Torres.

TÉDIO

*Há instantes tão longos,
há horas tão monótonas,
há dias tão pesados
que perdoamos à vida
só porque vai passando.*

Alberto de Serpa

*Saudamos, com toda a
nossa simpatia, a im-
prensa local.*

feliz ou infeliz, perder-se-ia num mundo confuso demais para a minha tapada compreensão, um mundo que tudo enrodilha, que confunde conceitos de felicidade e infelicidade. Deixar cada um com os seus cacós! Prosápia e nada mais. Pôr-me a magicar infelicidades num tipo que ostenta um carro daqueles, que pode ir a Londres, a Nova Iorque, que me aparece com uma mulher capaz de me ligar tanta importância como a que há instantes um cão vadio ligava às flores do jardim! Prosápia, nada mais que prosápia tola! Mas a vontade em mim é uma qualidade falida—e não arredei pé.

O sujeito gordo restabelecia-se da sensação de covardia que o tinha levado a esbarrar com o olho redondo no cartaz a cores. Pequenas bolhazinhas de suor rebentavam-lhe na testa e no pescoço inchado. Parecia esquecer o especialista, Londres, Nova Iorque. Esqueceu realmente, e foi

irado, sem disfarces no carão, que procurou umas das mãos da mulher e a apertou até magoar.

— O chá, olha o chá, estúpida! Não vês que reparam! — disse violento, para murchar logo.

A mulher, surpreendida, deixou o sorriso que picava o sujeito como um aghilhão. Percorreu-a um sincero e ligeiro estremecimento. O marido não lhe largava a mão, agora numa súplica des-carada. E ela pareceu perceber o sentido daquilo que ele lhe implorava. Sorriu-lhe e ele babou-se. Depois, angustiada, bebeu o chá já frio e não tocou nos bolos.

Foram-se. O Silva veio dizer-me: «rico pedaço, não!»—e eu, que sou seu amigo, quase o odiei. Toquei para casa, a magicar no sujeito gordo, no carro amarelo, na mulher que o sujeito gordo apesar de tudo tem.

Julho, 56

Os boletins de Setembro e Outubro sairão juntos no fim do último mês. A razão desta excepção foi originada pela acumulação de trabalho com o presente número.

A propósito do restauro de obras de arte

De ABEL SALAZAR

Original retirado do vasto espólio que deixou. Publicado na «VÉRTICE»

TRÊS são actualmente os pontos de vista àcerca do restauro das obras de arte, que estas sejam monumentos ou pinturas.

Segundo uma primeira maneira de ver, a obra de arte deve sofrer um restauro quanto possível integral. Segundo uma segunda maneira de ver, tal obra de arte deve apenas ser conservada, aguentada, sem no entanto sofrer uma restituição integral. Segundo uma terceira opinião, o monumento deve manter-se integralmente no seu estado de ruína.

Arguem os defensores deste último ponto de vista de que a magia de uma obra de arte deriva, em grande parte, do trabalho do tempo.

Não há edifício novo, nem quadro recente, por grande que seja a sua valia, que possa apresentar esta sedução poética que só e apenas o trabalho do tempo lhe confere. Depois, a ruína, deixa a imaginação pairar no indeterminado, e permite, desta forma, uma cristalização emotiva que é inerente a esse mesmo estado de ruína.

Por outras palavras, o que interessa não é o monumento, tal como foi, mas sim o monumento, tal como o tempo o trabalhou. O monumento, tal como foi, interessa apenas ao erudito e ao historiador; ao público poeta, o que interessa, é a ruína ela própria.

Depois, acrescentam, a restituição integral de um monumento é impossível.

Na maior parte dos casos, não há documentos suficientes para que a restituição seja fiel; e, mesmo que os haja, a experiência mostra que o restauro é ainda impossível. O caso da catedral destruída por uma guerra recente, e de cujos retalhos haja moldagens, é característico. Há, de facto, uma coisa que o mais exacto documento não permite suprir, e essa é o espírito da época, o sentimento estético de ocasião.

Em suma, restaurar um monumento é suprimir o tempo, e toda a complexa sugestão que ele exerce na imaginação dos homens; e, desta forma, tal restauro contribui para um empobrecimento do património artístico dos homens.

Qual destas três correntes tem razão? O leitor o dirá...

A questão porém apresenta ainda outros aspectos: tal é por exemplo, o aspecto político.

Num sistema nacionalista, com efeito, os monumentos históricos têm um alto significado simbólico, e um importante papel, que poderíamos chamar «catalítico». Compete-lhes manter vivo não somente o sentido histórico da grei, mas ainda cristalizar em formas a tradição específica da nação. São a grandeza do passado presente no mundo de hoje, hesitante e perplexo; e são ao mesmo tempo catalizadores de energias e dinamismo, projectados no sentido tradicional da raça. É neles que, em certos momentos, tremula a chama heróica, ante a qual se ergue o braço hierático da mocidade, em vibrações de heroísmo potencial. São eles, em suma, cenários e ambientes de exaltação mística e wagneriana, e como ressoadores onde se exalta, vibrando, o ímpeto divinizador da raça.

Ora, para realizar tão alta e patriótica missão, o monumento tem de apresentar uma forte «carga» temporal, e um alto poder de sugestão mística. Reformado, restaurado, novinho em folha, pode ele porventura realizar a sua alta missão simbólica? É manifesto que não; e daqui resulta evidentemente, que o restauro dos monumentos é uma heresia dentro de um regimen nacionalista. Como que se retira a este a própria substância histórica, a própria essência realizada do passado; deixa de existir à sua volta, ou por cima dele, a cenografia mística da história heróica; e assim, o nacionalismo é como transplantado para um chocante ambiente de banalizada cenografia. Desaparece do ambiente a grande sugestão do Tempo, sem o qual não há mística nacional possível e viável; e tudo então a esse respeito degenera em puro verbalismo oco.

APONTAMENTOS SOBRE PINHEL

(ESTUDO PARA UM LIVRO)

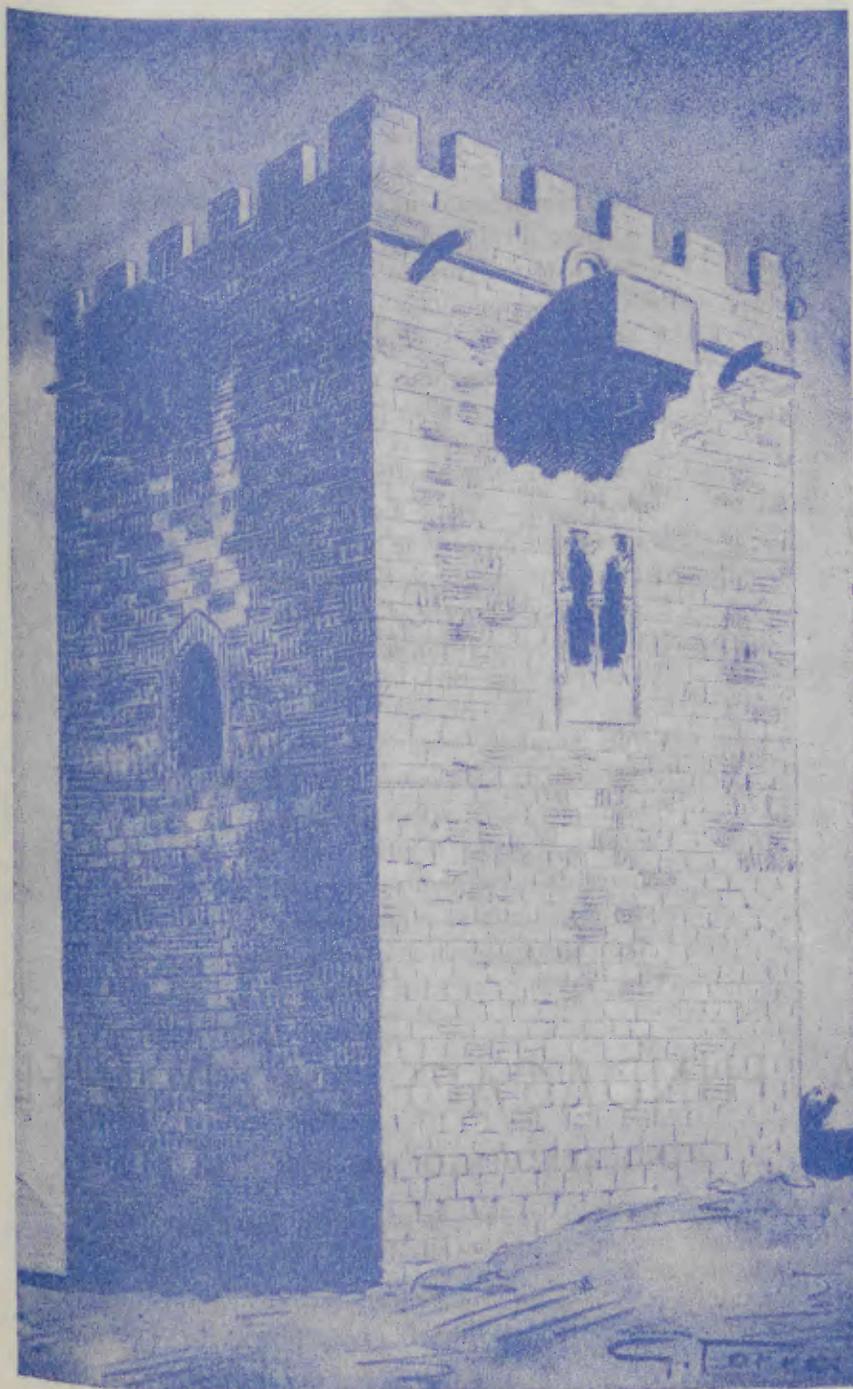
Por ANTÓNIO BAPTISTA

O livro que o leitor vai ler não é uma monografia, nem uma resenha puramente histórica, nem um cancionero caracteristicamente etnográfico; mas tão somente um escôrço monográfico-paisagístico, que tem um pouco de história, um tanto de pinceladas etnográficas numa combinação que nos parece acertada e que se prolonga ao longo da linha evolutiva do génio lusitano.

Não se trata de um livro formulado por condicionalismos burocráticos de interesses puramente particularistas. Este livro foi escrito ao longo da estrada da vida, nas poucas horas livres que nos restam da vida profissional, como imperativo interior: legar à minha terra, parcela sagrada de virtudes e feitos estoicos de irreprimível grandeza, todo um conjunto de pormenores aureolados duma saudade que floresce, dia a dia, na exuberância do meu sentir.

É longe do nosso torrão querido que as recordações do passado nos deixam reviver, em espumas de luz, os mais recuados acontecimentos alcançando-nos aos pontos mais característicos duma paisagem gritante que se desdobra desde o Castelo... até às margens do Douro e penhascos fronteiriços.

Das crateras do pensamento surgem lavas de exclamações gritantes... e, então, reflectem-se nos nossos olhos as fragas de granito alcantiladas; os riachos, em curvas sinuosas, correndo nos vales; os tapetes de musgo que alcatifam de verde-acastanhado as sentinelas rochosas dos píncaros altaneiros; a giesta perdida, quase frívola da sua exuberância, lembrando filigrana singela; tudo isto representa um cenário imperecível, que se ergueu de ontem até hoje, para nos mostrar a realidade inexcedível de Pinhel, do seu valor, da sua cultura e tradição...



Torre de Menagem do Castelo de Pinhel

Todo este conjunto forma um pedestal simbólico de exclamações nobilíssimas, que nos ajuda a desvendar a ideia histórica e etnográfica da gente de Pinhel e seu termo, bem como a encaminhar-nos no sentido consciente dos factos, dos costumes e das instituições, que formarão, em síntese, o privilégio da nossa verdadeira missão: renovar a lembrança dum passado que nos orgulha e engrandece.

A natureza canta o seu poema à luz do Sol e da Lua... e os penhascos, beijados pela neve, prolongam-se e multiplicam-se, a perder de vista, até à raia espanhola.

De facto, a beleza da neve, desse manto enorme, infundável, que se ajusta, em cristalizações alvinitentes, nos montes e nas árvores, nos telhados e nos caminhos, é um quadro que perdura nas nossas retinas e só morre com a morte...

Os imensos rebanhos de ovelhas, guiados por rude pastor, é uma fita que se desdobra de rampa em rampa, de atalho em atalho, de riacho em riacho, para se fixar, mais tarde, na pastagem distante.

O pastor de Pinhel é aquela figura típica que perdura na sua pureza de sempre, tão humana e tão rija, envolta, no inverno, do cobertor de papa; de cajado possante, de tamancos, de capote e de farnel.

O pastor de Pinhel é, sem exagerar, o mesmo da Serra da Estrela.

E o cão, o nobre cão de guarda, é a sentinela atenta do rebanho. Sem ele o pastor ver-se-ia em sérios apuros.

* * *

Porém, ao analisarmos a parte mais característica duma terra, isto é, as suas belezas paisagísticas, teremos, também, de descrever a sua parte mais bela: a alma do seu povo.

Ao penetrarmos nos factos históricos veremos, a cada passo, as virtudes de antanho, qualidades bastantes a marcarem, por si sós, grandiosos motivos de interesse crescente ao homem estudioso e, em particular, aos pinhelenses dispersos nas mais variadas latitudes do Globo.

Só se aprende, verdadeiramente, experimentando; mas para descrever e contar os feitos duma terra é mister conhecê-la e senti-la. Mas para a conhecer e sentir integralmente é necessário amá-la. E nós amamo-la sem desfalecimento.

Muito antes de tentarmos descrever a urbe e seu termo tal como as vimos pela vez primeira, com olhos perscrutadores e criteriosos, teremos de reencontrá-la no passado e só depois poderemos ser justos diferenciando-a e distinguindo-a ao longo dos séculos da história.

Teremos de procurar o seu nascimento, a sua génese, examinando-a, repetidas e demoradas vezes, desde os alicerces aos valores humanos, complementos inter-ligados, que a completaram e engrandeceram. E só assim os factos se tornarão sensíveis, porque se renovarão através dos mais variados e curiosos cenários.

Iremos, portanto, resumir, com a mais séria imparcialidade possível, os factos que se desenrolaram em Pinhel, servindo-nos, como não pode deixar de ser, das páginas da história, do estudo dos monumentos que também são doutrina e, por último, das lendas que não morrem e, de uma maneira geral, são o eco da sensibilidade da nossa gente.

Como atrás dissemos, é a saudade que muitas vezes nos traz à lembrança todo um mundo de recordações deixando-nos percorrer, numa marcha retrospectiva, o maravilhoso Parque da Trincheira, a esquecida Eira da Trindade, o sempre encantador Vale da Ribeira das Cabras, o deslumbrante Miradouro do Castelo, o arruinado Convento dos Frades, tudo pinceladas fortes a formarem um cenário de imperecível grandeza.

Tudo em Pinhel nos evoca o passado.

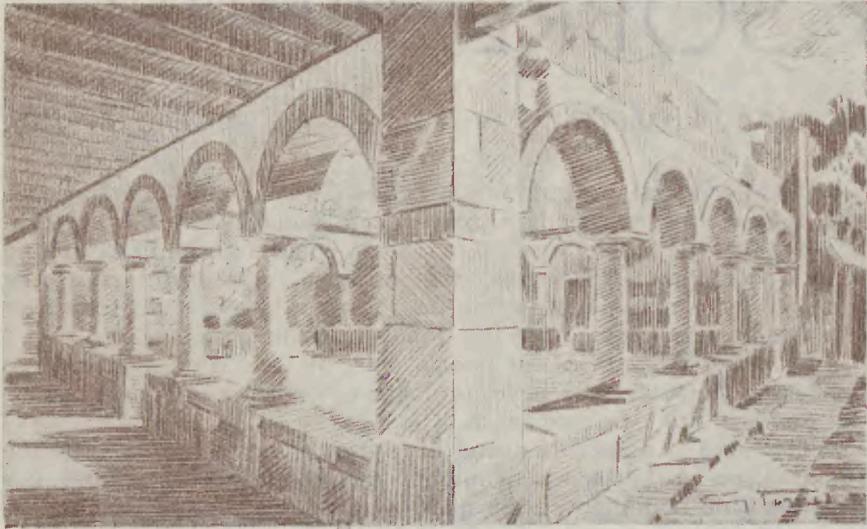
O silêncio, a mansidão, a quietude, persistem na cidade como imperativo milenário da sua situação geográfica. Ali, a natureza foi dura. No inverno, o frio é de enregelar os ossos; e o calor, no verão, é pertinaz, embora, de quando em vez, uma brisa suave vinda da serra amenize o ambiente.

Porém, uma coisa é certa, é ser o clima de Pinhel aconselhável para doenças pulmonares, dada a situação e altitude em que fica alcançada. Há quem lhe chame o sanatório da Beira, mercê do seu clima seco.

Mas além de tudo o mais, Pinhel orgulha-se da sua história, que é, sem exagero, digna de ser contada e cantada, sobretudo e principalmente como afirmação moral.

Se a realidade é a estrela que guia a razão, o senso crítico é, sem mentir, o mais nítido farol da inteligência porque estabelece contacto permanente com o indivíduo na sociedade.

«Na esfera dos movimentos de instituições e ideias na categoria da vida social, as acções dos homens são sempre absolutamente excelentes, porque a supremacia da sociedade sobre o indivíduo consiste



Claustro do antigo Convento dos Frades

no facto da existência de uma consciência superior da Ideia, no organismo que se diz sociedade. Os poetas épicos, seres privilegiados cuja voz não é própria, senão colectiva, são os órgãos vivos da consciência de uma civilização; assim Camões sente e exprime a grandeza histórica do império das Índias, que na própria opinião particular do poeta são uma Babilónia, um poço de ignomínias» (1).

Portanto, a história, com seus erros, vícios, e também altos exemplos de nobreza, estabelece continuidade, que se ajusta e molda a todas as épocas procurando esclarecer-nos porque, segundo D. Francisco Manuel de Melo, «o mais honesto fim da história não é somente deleitar com a relação dos sucessos; mas fazer deles lição para os vindouros».

Pinhel foi sempre, através da sua história, um alfobre de heróis, um punhado de gigantes, que deu a Portugal altos exemplos de sacrifício abnegado em prol da causa justa da independência.

As páginas dos seus feitos constituem um pergaminho valioso de incontestável merecimento.

Pinhel é uma cidade pequena e sem indústria, que vive ainda, como outrora, apegada à terra, cultivando-a com toda a paz da sua alma, para adormecer, cansada, à sombra das árvores.

Porém, em cada um dos seus filhos lateja o mesmo sangue daqueles que, por obras valorosas, souberam, em Aljubarrota e Trancoso, consolidar, sem quebra de ânimo, a certeza da nossa perpetuidade histórica.

Os pinhelenses, oriundos dos Túrdulos, conservam ainda do passado as virtudes bem altas da nossa grei porque nas suas veias circula ainda o mesmo sangue que ajudou a dilatar a fé e o império até aos areais escaldantes do Norte de África.

A nossa terra, certamente pela sua situação fronteiriça, foi sempre, nas épocas já distanciadas da história, vítima de variados e repetidos cercos militares, sendo de salientar, pela ignomínia dos massacres, o de Massena, em 1810, que, chefiado por Loison, na cidade entrou a 25 de Julho deixando no seu caminho a marca da sua heidiondez: a fome e o luto.

É ainda Oliveira Martins que assim nos relata a marcha das hostes francesas: «A última invasão, a de Massena, em 1810, excedera, porém, as duas anteriores em ferocidade. O caminho do exército francês, através da Beira, era um fundo sulco de ruínas alagadas em sangue. Houve gente esquartejada a machado; houve requintes de barbárie».

Porém, quando Napoleão perdeu o orgulho — até então indomável — do mando sem limites e voltou a paz, Pinhel faz o balanço das suas ruínas, constatando que a sua fortuna, igualmente como o resto da fortuna nacional, é apenas, um «sudário de miséria e solidão».

A cidade de Pinhel, igualmente como outras povoações da Beira, como Freixedas, sofreram, de uma maneira horrível, a fome e o luto que nunca mais se puderam esquecer mantendo-se a lembrança de geração em geração.

A recordação dos franceses persiste como o símbolo da destruição e latrocínio.

* * *

Neste trabalho apresentaremos também um modesto estudo da poesia popular Beirã e sua estruturação folclórica, servindo-nos das quadras por mim religiosamente coligidas ao longo de alguns anos de paciente labor.

Afim de elucidarmos o leitor honesto queremos dizer-lhe que o nosso despretensioso mas probo trabalho foi organizado durante largos meses, com o valioso auxílio informativo de alguns amigos, com a indispensável ajuda de modestos trabalhadores, de livros preciosos, a maior parte deles fora dos mercados, e que pessoas sãs não hesitaram em emprestar-nos.

De entre os muitos livros consultados vamos citar alguns:

- 1) — «História de Portugal», de Henrique Schaefer.
- 2) — «História de Portugal», de Oliveira Martins.
- 3) — «História de Portugal», de Damião Peres.
- 4) — «História de Portugal», de António G. Matoso.
- 5) — «História de Portugal», de Fortunato de Almeida.
- 6) — «História de Portugal», de Alexandre Herculano.
- 7) — «Elementos de História da Arte», de Leitão de Barros e M. Barata.
- 8) — «A Cavalaria Medieval», de Edgar Prestage.
- 9) — «Portugal e o Socialismo», de Oliveira Martins.
- 10) — «Portugal Antigo e Moderno», de Augusto S. d'Azevedo Barbosa de Pinto Leal.
- 11) — «Portugal, Dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heraldico, numismático e artístico», de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues.
- 12) — «O simbolismo cristão na cantiga popular», de Fernando Pires de Lima.
- 13) — «Estudos de poesia popular», de Luís Chaves.
- 14) — «Páginas folclóricas», de Luís Chaves.
- 15) — «A Gazeta Literária» (revista mensal), órgão e propriedade da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.
- 16) — «Castelos de Portugal», de Humberto de Bessa.
- 17) — «Os Pelourinhos, estudo histórico», de A. Teixeira Félix da Costa.
- 18) — «A Paleta e o Mundo», de Mário Dionísio.
- 19) — «Iniciação Geográfica», de Domingos de Figueiredo.
- 20) — «Revista Lusitana».
- 21) — Do «Camões», Semanário popular ilustrado.

A Pinhel

Vereis na minha terra a magestade
Engrandecida, enfim, pela história
Altiua, bem sonante, que a saudade
E o tempo divulgaram: Nossa Glória!...
Vereis todo um passado, em verdade,
Nos tempos carcomidos p'la memória
E as torres dum castelo inda pod'rosas
Lembrando nossas lutas valorosas!

Vereis a neve branca e mui formosa
Cobrinco os campos todos de beleza...
Vereis o pão, o vinho e a rosa
E ainda mui brazões de gran nobreza,
Que a torna insuspeita de formosa
E nobre desde sempre p'la franqueza
Na honra hospitaleira de abrigar
Aquele que busca nela o seu lugar.

Vereis muralhas fortes 'inda alçadas,
Lembrando, a cada passo, uma façanha,
Ameias, barbacãs, velhas calçadas,
Vinbedos e olivais, montes e azenhas,
Lagares de azeite junto das levadas,
Árvores gigantescas e tamanbas,
Lançando suas sombras a quem sente
A fúria dum calor sempre inclemente.

A FUNDAÇÃO DE PINHEL

ENQUADRAMENTO NA LUSITÂNIA

A fundação de Pinhel diluiu-se para além das mais variadas conjecturas, sendo, porém, de afirmar que é uma das mais antigas povoações da Lusitânia.

Segundo o P.^e Carvalho, Pinto Leal e outros historiadores, Pinhel foi fundada pelos Túrdulos (íberos), 500 anos antes da vinda de Jesus Cristo.

Porém, mesmo que a sua fundação não seja tão remota, o que é certo é ser bastante longínqua a sua origem.

O P.^e Ferreira de Carvalho no seu trabalho intitulado «Memórias

(1) Da «História de Portugal», de Oliveira Martins, pág. 15.

Históricas da Calabria» cita grande importância de Pinhel, pondo em destaque as numerosas e repetidas investidas árabes às povoações do presumido aglomerado que ficava compreendido na faixa da hoje Almendra.

Os habitantes da Calabria, no receio de serem acorrentados ao jugo da escravidão árabe, evadiram-se para Pinhel, ali se fixando e procriando.

Viterbo, Pinto Leal, Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues e outros, são unânimes em afirmar ser Pinhel uma das mais recuadas povoações da Lusitânia e com relevante projecção.

É certo que todos os trabalhos feitos sobre a fundação de Pinhel não passam, na maioria dos casos, de cuidadas transcrições em que a objectividade de identificação da raça não perdura, o que torna certos trabalhos de baixa consistência histórica.

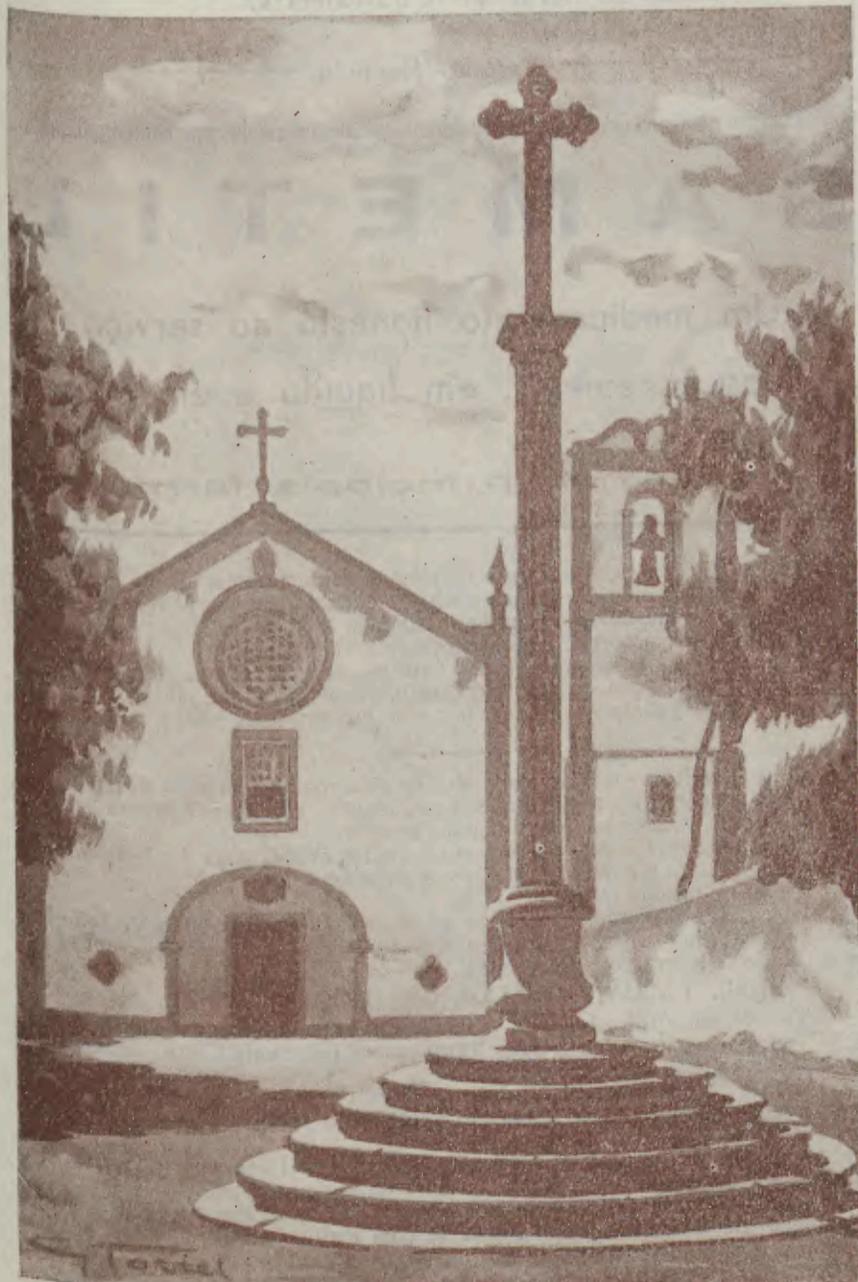
Ora, um estudo consciente, mesmo sem ser profundo, como no nosso caso, terá de aproximar-nos, o mais possível, do seguinte enigma: «Há ou não identidade de raça?»

«Se a erudição pudesse demonstrar a unidade da raça então os lusitanos baixariam à condição de uma variedade ibérica, sem autonomia: facto é, porém, que pouco ou nada sabemos, nem de árabes em geral, nem de lusitanos em particular, e por isso as fábulas dos velhos antiquários não merecem a atenção moderna. Não haverá, porém, acaso outro caminho para atacar este problema? A falta de monumentos escritos, nada poderá valer-nos?»

.....
Cremos que as diversas populações de Espanha, individualizadas sim, fornecem, contudo, no seu conjunto, um corpo etnológico dotado de caracteres gerais comuns a todos.

.....
Esse dualismo, porém, leva-nos também a crer que entre as diversas tribus ibéricas, a lusitana era, senão a mais, uma das mais individualmente caracterizadas.

.....
Se a ideia de uma filiação dos lusitanos foi expressa de um modo ridículo pelos antiquários clássicos, a ideia de uma filiação céltica ou celta teve já a mesma sorte quando, quase em nossos dias, houve quem pretendesse filiar directamente o português na lín-



Fachada da Igreja do Arruinado Convento dos Frades, vendo-se em 1.º plano o interessante Cruzeiro

gua dos bardos. Paz do esquecimento a todas as quimeras» (1).

Segundo autorizados historiadores, os lusitanos que se distinguiram dos «hispanos durante o domínio cartaginês, pertenciam exclusivamente ao território português. Os limites deste país marcados no reinado de Augusto, não combinam de forma alguma com os limites de Portugal actual.

Todo o território entre o Minho e Douro, pertencentes actualmente a Portugal, estava então anexado à Galiza. Os territórios portugueses de Olivença, Mourão, Moura, Serpa e outros sítios pertenciam à Bética. Do outro lado estendiam-se os limites da Lusitânia sobre cidades e lugares que ficavam actualmente em Castela, como Ávila, Salamanca, Ciudad Rodrigo, Merida (mesmo a capital da Lusitânia) Alcântara, Medellin, Truxilo, Cáceres (2).

Ainda a título de diferenciação e para se poder fazer um juízo mais fecundo da génese da Lusitânia não será descabido transcrever a douda opinião do historiador alemão Henrique Schaefer quando se refere aos reis suevos.

São dele estas considerações:

«No reinado dos reis suevos alteram-se os limites da Galiza e Lusitânia, sendo agregado àquela o que os suevos possuíam nesta, as cidades de Idanha, Coimbra, Lamego, Viseu, com os seus territórios, quer dizer a região entre o Douro e o Mondego. Depois de os suevos terem sido vencidos pelos visigodos reduziu o rei RECESWINTH a Galiza nos seus antigos limites. Assim permaneceu até desaparecerem, depois da invasão dos árabes, todas as fronteiras estabelecidas pela política e pela Igreja. Quando, porém, os reis cristãos das Astúrias e Leão expulsaram os infiéis da Galiza e de uma parte de Portugal actual, foi estendido novamente o limite ao sul da Galiza.

Não só passou o Douro, como se alargou também até às margens do Mondego, subindo ao cume da Serra da Estrela e chegando à actual cidade da Guarda, voltando direito a Freixo-de-Espada-à-Cinta, cortando as montanhas de Chaves e caminhando ao longo do reino Leão».

Eram assim constituídos os limites da Galiza no século X. Viterbo no «Elucidário das palavras, que antigamente se usaram» confirma a teoria acima apresentada.

A zona fronteira do norte e do leste, para além do Douro, era já, no período de D. Sancho I, a mesma de hoje:

«Margem esquerda do Minho, por Melgaço a Lindoso, daí a Bragança por Miranda, estestar com o Douro no ponto em que agora se extremam Portugal e a Espanha. A fronteira de leste, entre Douro e Tejo, só no tempo de D. Diniz se demarcou por onde hoje passa: no fim do século XII a raia seguia desde a foz do Coa, rio acima, até à confluência do Pinhel, e, acompanhando-o, passava entre Sabugal e Sortelha, em demanda das fontes do Elga. Daí ao Tejo, então e agora, a fronteira é a mesma» (3).

(1) Da «História de Portugal», de Oliveira Martins, pág. 22 e seg.

(2) «História de Portugal», de Henrique Schaefer, que havia extraído da História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, Tomo IX, pág. 213.

(3) «História de Portugal», de Oliveira Martins, pág. 39 e 40.

De PINHO LEAL

Pinho Leal a págs. 47, col. 2, no fim do volume 2.º; tratei da formosa cidade lusitana Calabria; mas, como depois disso (e depois de mais activas diligências) pude obter uma *Memória histórica*, acerca desta cidade, escrita (em 1815) pelo padre Luís José Ferreira de Carvalho, que foi reitor da freguesia de Escalhão, neste bispado de Pinhel (concelho de Figueira de Castelo Rodrigo) e publicada pelo Snr. José Caetano Preto Pacheco, não quero privar os leitores de tão curiosíssimas notícias, que têm referência à cidade de Pinhel, mas, para não fazer este artigo ainda mais extenso, o transferi para Senhora do Campo, que é uma ermida ocupando hoje parte do sítio onde existiu aquela antiquíssima cidade.

Pinho Leal refere-se a Pinhel nos seguintes períodos:

«Pinhel — cidade, Beira Baixa, capital da diocese, da comarca e do concelho do seu nome, no distrito administrativo da Guarda, d'onde dista 33 quilómetros ao N., 20 ao O. do raia, 26 a E. de Trancoso, 75 a S. E. de Lamego, 150 ao E. de Braga, 135 ao E. do Porto, 125 a S. E. de Coimbra, 70 ao S. E. da Covilhã, 325 a S. E. de Lisboa (1).

Tem 570 fogos (2.300 almas) em uma só freguesia, Santa Maria do Castelo. Em 1757, era bispado de Viseu, e tinha seis freguesias:

1.ª) *Nossa Senhora do Rosário*, abadia da apresentação alternativa do papa, e do cabido da Sé de Viseu.

Rendia 300.000 reis, e tinha 154 fogos.

2.ª) *O Salvador*, priorado, do padroado real.

Rendia 270.000 reis — e tinha 116 fogos.

3.ª) *S. Martinho*, bispo, reitoria, da apresentação da mitra (Viseu).

Rendia 40.000 reis e tinha 154 fogos.

4.ª) *Santo André*, reitoria da mesma mitra.

Rendia 40.000 reis e tinha 99 fogos.

5.ª) *S. Pedro*, apóstolo, reitoria, da apresentação da mesma mitra.

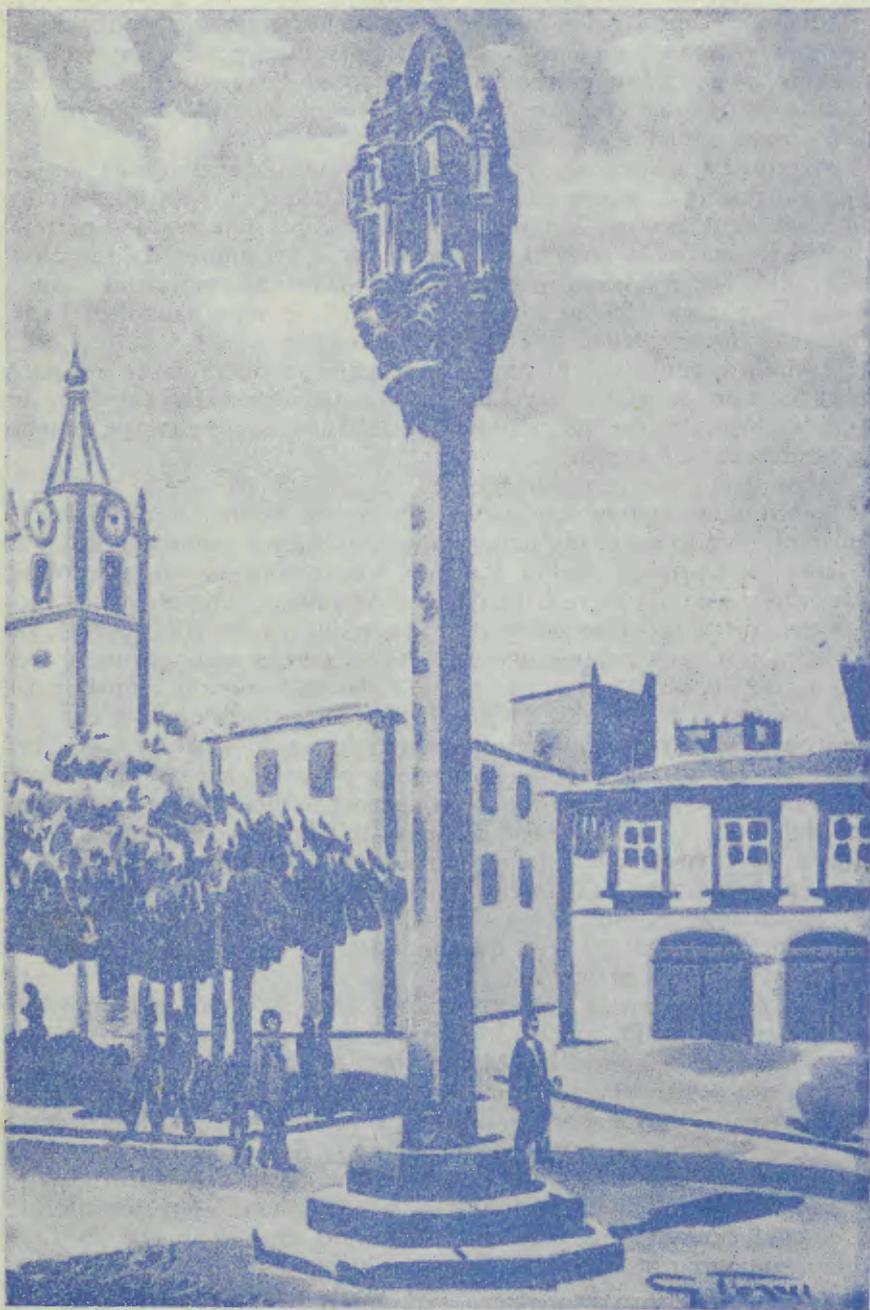
Rendia 40.000 reis e tinha 18 fogos.

6.ª) *Santíssima Trindade*, curato, da apresentação do Comendador de Malta.

Rendia 40.000 reis de cõgrua e o pé de altar, e tinha 21 fogos.

Vinha portanto a ter a cidade (então vila) 562 fogos, com 2.200 almas, do que se conclui que em 119 anos não tem feito quase diferença a população de Pinhel.

(1) Todas estas distâncias são tiradas pelo mapa, e portanto, em linha recta.



O maravilhoso pelourinho de Pinhel

O concelho de Pinhel é composto de 26 freguesias, quatro no bispado de Lamego que são:

Azevo, Cidadelhe, Ervedosa, e Freixianda (ou Freixiandas)—e 22 no bispado de Pinhel, que são:

Alverca, Atalaia, Bouça, Cova, Bregalhal, Cerejo, Colmeal, Ervas Tenras (ou Hervas Tenras), Gouveias, Lamegal, Lameiras, Manigoto, Pala, Pereiro, Pinhel, Santa Eufemia, Sauropuis, Sorval, Vale-Bom, Vale de Madeira, Vale Verde, Vaz Coveiro, e Vendada (ou Bem-Dada) (1).

Tinha (quando era só concelho, da comarca de Trancoso) a freguesia de S. Sebastião do Carvalhal, que é hoje do concelho da Meda. (Volume 2.º, página 134, col. 1.ª).

Quando foi outra vez elevada a cabeça de comarca, uniram-se-lhe as freguesias da Bemdada, que era do concelho de Sabugal, 1.º e Lamegal, que foi do extinto concelho do Jarmelo.

Tem o concelho de Pinhel (em 1876) 3.500 fogos.

A comarca de Pinhel, era composta dos julgados de:

Almeida, com 1.600 fogos.

Figueira de Castelo Rodrigo, com 2.500 fogos.

Pinhel, com 3.300 fogos. — Total, 7.300 fogos.

O 1.º foral desta cidade, lhe foi dado por D. Sanches I, em Setembro de 1209 (Viterbo diz que foi em 1189 e D. Afonso II, seu filho, o confirmou, em Outubro de 1217. (Maço 7 de Forais antigos, n.º 9—Maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl. 55 V, col. 1.ª — e no Livro de Forais antigos de leitura nova, fl. 39 V, coluna 1.ª).

Este mesmo foral, se acha reformado pelo rei D. Diniz, na Guarda, a 10 de Setembro de 1282, no livro 46.º de Tombos, no armário 17, fl. 52, in medro.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarém, no 1.º de Junho de 1510. (Livro de forais novos da Beira, fl. 8, col. 1.ª).

Este foral só trata de Pinhel e Terra de El-Rei.

Vários escritores dizem que o 1.º foral de Pinhel, foi dado por D. Afonso Henriques, em 1179 (quando reedificou a povoação) com grandes privilégios, que seu filho, D. Sancho I, ainda aumentou, pois lhe deu o foral de Évora. Franklim, porém, não traz o foral de D. Afonso I, se é que o houve.

Segundo a maior parte dos nossos escritores, foi fundada pelos túrdulos, no ano do mundo 3504 (500 anos antes de Jesus Cristo); mas, ainda que a data da sua fundação não seja tão remota, é certo que é uma das mais antigas povoações da Lusitânia.

As suas fortificações, hoje em parte dismanteladas, consistiam no seguinte: Era cercada de muralhas de cantaria, com 6 portas (da Vila, de S. Tiago, de S. João, de Marrocos, do Alvacar, e de Marialva).

Outros escritores, dão nomes diversos a algumas destas portas, denominando-as — da Vila, de Marialva, do Alvacar, de Castelo Rodrigo (ou dos Mochachos), de S. João, e da Rua de Baixo.

Cada porta era defendida por uma torre, e tendo a da porta da vila, que era a principal, um relógio. Esta porte, é a única que já não existe.

A BARCELOS

(INÉDITO)

*Cidade do Alcaide em pergaminhos feita!
Cidade de Barcelos tão linda e feiticira!
De pedras seculares mostrando a verdadeira
História altissonante dos feitos que a enfeita!!!*

*Se o Minho é o jardim de Portugal inteiro
Barcelos certamente do Minho é primazia...
Em flores que perduram em extática harmonia
Nas súplicas de amor de leal jardineiro.*

*E o rio que se perde em longas caminhadas,
É um poema mágico na voz das lavadeiras,
Nas roupas estendidas em longas passadeiras,
Matizando de branco as areias doiradas...*

*O milagre das Cruzes é sempre recordado...
E Barcelos revive, com terna devoção,
A data imortal da doce tradição
Que em Maio se festeja com brilho desusado.*

*Cidade de Barcelos onde aprendi a amar!...
Cidade dos meus sonhos... tão altos e dolentes,
Com brisas que eu beijara em noites de luar
Até amanhecer em gritos estridentes...*

*Terra de encanto e amor da gente portuguesa,
Que o Minho encantara com fé e simpatia...
Ó cidade do Cávado em perfis de beleza!
Ó cidade de heróis de tanta valentia!...*

António Baptista

S A M E T I L

Um medicamento honesto ao serviço
dos eczemas... em líquido e em pó.

À venda nas principais farmácias

Tinha seis torres, e um forte castelo de cantaria, com duas torres muito altas; tudo ou reedificado, ou mandado construir de novo, pelo rei D. Diniz, em 1312, que no mesmo ano reedificou também a vila.

Tinha voto em cortes, com assunto no 9.º banco.

Esta cidade situada na encosta dum monte, na margem da ribeira chamada Riba Pinhel (que desagua no Douro, depois de se lhe juntar o rio Pêga e vários regatos) atravessada aqui por uma boa ponte de pedra.

O seu território é fértil em todos os géneros agrícolas do nosso País, e cria muito gado de toda a qualidade; é abundantíssimo de caça grossa e miúda. Há aqui grande comércio de meias de lã.

Tem por armas — um escudo com as Quinas Portuguesas, do lado direito — e do esquerdo, um pinheiro, verde, e sobre ele um falcão.

Timbre o mesmo falcão.

Dizem que é o falcão que os terços de Pinhel tornaram a D. João I de Castela, em Aljubarrota, a 14 de Agosto de 1385 — e que é desde então que esta cidade se honra com a legenda:

PINHEL, FALCÃO, GUARDA MOR DE PORTUGAL.

Tem Misericórdia, fundada pelo doutor João Videira, natural de Pinhel. Tem um mosteiro de freiras franciscanas (de Santa Clara) fundado por Luís de Figueiredo Falcão, em 1600.

Nele está enterrado o fundador, e Santa Teodora, virgem mártir. Foi martirizada (degolada) em Roma, no ano 132 de Jesus Cristo, sendo imperador Adriano.

Antes dela, tinha sido martirizado seu irmão Hermetes, e como ela o fosse enterrar, só por esse facto, foi condenada como cristã.

O corpo da santa, veio de Roma para este mosteiro, em 1620, acompanhado de um breve, do Papa Paulo V, com muitas indulgências para quem visitar a igreja do mosteiro no dia da festa da santa, que é no 1.º de Abril.

(Continua no próximo número)

(1) O verdadeiro nome desta freguesia é Bem-Dada; mas, não sei porque, os modernos escrevem Vendada, o que muda completamente a significação da palavra. É por isso que a freguesia da Bem-Dada se não encontra nos mapas e dicionários geográficos modernos (Vide vol. 1.º, pag. 386, col. 1.ª).

A indústria portuguesa e o seu desenvolvimento.

Actualização de processos na indústria de malhas.

Barcelos, centro da mais progressiva indústria de malhas interiores e exteriores

(Continuação da 1.ª folha)

Cintas de elegância e higiénicas são também um dos motivos de grande expansão da **TEBE**. Tem modelos de sua criação e que lhe tem grangeado bastante fama.

Em seguida a secção de teares de rendas, com teares especiais, enormes, que fabricam rendas preciosas e magníficos tules de seda, algodão e «nylon».

Quase ao fundo deste vasto salão, onde as operárias trabalham nas melhores condições de salubridade e higiene, pois além de possuir todos os requisitos indispensáveis está dotado de ar condicionado, encontramos a secção de soquetes e meias de seda. Outro magnífico salão onde dezenas de operárias revistam, acabam e encaixotam as elegantes meias de «nylon» e de seda e os soquetes para crianças e meninas.

Saímos deste moderno imóvel e em frente deparou-se-nos a secção de secagem de sedas, com a sua enorme estufa onde se procede à secagem de fios de algodão e seda, peças de malha de seda, etc. depois do que passam ao respectivo armazém para as subseqüentes operações de acabamento.

Ao fundo desta secção está situado o salão de fabrico de miudezas, produzindo fitas para etiquetas e outros acessórios, passamanarias e elásticos, empregados depois nos tecidos e peças de algodão, lã, seda e «nylon» além das fitas para guarnecer os diversos artigos da sua própria fabricação.

Finalmente admiramos a mais importante secção desta laboriosa e moderníssima fábrica: a secção de acabamentos, vastíssimo salão, onde são acabadas todas as malhas de algodão e lã procedentes do fabrico das máquinas de que já falamos.

Tem 100 metros de comprimento por 30 de largo. Luz a jorros. Máquinas de costura, das mais consagradas marcas num constante e aturado labor.

Aqui são igualmente acabados os artigos exteriores cujos padrões têm feito enorme sucesso por todo o País.

Uma moderníssima prensa automática, apresenta os diferentes artigos prontos para embalar, que diligentes operárias impecáveis nas suas batas de cor cinza-claro, com distintivos bordados, imediatamente transportam para enormes mesas, onde são metidas em elegantes caixas.

E por falar em caixas: ao lado desta moderna secção de acabamentos, encontra-se uma cartonagem completa, onde além deste officio, são dobradas, cosidas e agrafadas todas as caixas para a embalagem dos seus artigos.

E descemos então ao primeiro piso, tendo ficado novamente surpreendido com dois enormes armazéns de fios de malha já fabricadas.

Centenas de peças, para não dizermos milhares, alinhadas ao longo de enormes prateleiras, aguardam as requisições para a tinturaria, para branqueação, para acabamento.

Vimos ainda uma carpintaria esplendidamente montada e uma serralharia a que nada faltava, por completa.

A secção de electricidade está também completamente apetrechada servindo os vários sectores desta fábrica acorrendo às constantes chamadas.

Dissemos tudo? Não nem metade do que vimos, pois de contrário teríamos necessidade do dobro do espaço deste jornal, propriedade do Clube Desportivo da TEBE, outra organização ao serviço da causa do operariado.

Mas pelo menos, seja-nos permitido afirmar que reina nesta fábrica «**verdadeira alegria no trabalho**». Em plena actividade o pessoal ouve música emitida por uma excelente cabine de som.

A maioria das operárias é solteira, mas as casadas encontram ali também, quase todas, os respectivos maridos, seus companheiros de trabalho. Quando uma operária quer casar com um indivíduo que não faz parte do pessoal da fábrica, a gerência colhe informações sobre o comportamento do noivo, procedendo de acordo com o que averiguar de mau ou de bom a tal respeito. Esta empresa tem legalizado pelo matrimónio a situação de algumas operárias, admitindo ao serviço, em certos casos, o respectivo marido.

A assistência social da casa é simplesmente modelar. Todo o pessoal tem direito aos serviços da Caixa Sindical de Previdência, como é óbvio. Mas, os filhos das operárias têm um lactário que é um mimo de beleza e um hino de amor à infância. Interessante dependência desta fábrica onde apetece estar durante horas a ver as traquinices dos miúdos. As operárias têm também médicos próprios

Interiores da minha casa

Pintei a cor de fogo o meu convento,
O meu solar que a preia-mar arraza
E onde faz maresia a todo o vento.
Pintei-o a cor de coração em braza!

Sobre a alva cal, a branca cor plice
De antigas caiações de meu avô,
Nesta nau encahada na Planície,
Mandei que me pintassem qual eu sou.

Qual eu sou, qual a dor do meu talento!
— Cor crestada de cor, almagre de tijolo,
Como os dramas da crôsta e acidez do solo,
Sem azul, sem azul, e sem nenhum cinzento.

Afonso Duarte

O Clube Desportivo da «TEBE» e o seu BOLETIM SOCIAL

«Portugal d'Aquém e d'Além Mar» fala assim das nossas actividades:

«A Empresa Têxtil de Barcelos, Lda. (Tebe), preocupa-se com o bem-estar do seu pessoal e, por isso, tudo facilita para que os seus colaboradores e trabalhadores usufruam o máximo de regalias sociais e alcancem um regular nível de cultura desportiva e literária.

Os empregados e trabalhadores da empresa lançaram-se em duas iniciativas muito interessantes que foi a fundação do seu Clube Desportivo e de um «Boletim Social».

O Clube Desportivo é uma organização presidida pelo Sr. Joaquim Rodrigues, empregado dos escritórios da fábrica, dedicando-se especialmente ao oquei em patins, mas também pratica outras modalidades de desporto, como ciclismo, ténis de mesa, atletismo e campismo.

Os componentes do grupo cheios de brio desportivo, já conquistaram para o seu clube algumas valiosas taças.

O «Boletim Social», de publicação mensal, é de excelente aspecto gráfico, é colaborado pelos próprios trabalhadores e empregados tratando de assuntos de interesse desportivo e cultural.

Esta interessante publicação impressa a cores, em bom papel, é dirigida pelo Sr. António Baptista, também funcionário da Empresa, e que é um apaixonado das letras.

Aos distintos Directores e colaboradores destes dois departamentos sociais da TEBE endereçamos cordeais saudações».

para si e seus filhos, sendo estes convenientemente nutridos e tratados, enquanto as mães trabalham; as que amamentam, têm horas designadas para tal fim. As crianças dispõem ainda de brinquedos. Há também um consultório médico, para atender todos os operários e seus filhos.

Ainda no capítulo social, dispõe de um grupo coral, regido por um dos encarregados da fábrica, um Centro de Alegria no Trabalho que, além das secções de teatro de amadores, e outras, está apetrechado com máquina de projectar de 16^{m/m} moderníssima, fazendo cinema para todos os operários.

Possui este «Boletim Social» onde todos os operários podem colaborar e um grupo de Oquei em Patins, concorrente sério na modalidade, inscrito na respectiva Federação e Associação do Minho.

Concluimos, dizendo que na indústria nacional de malhas de seda, lã e algodão, a Fábrica **TEBE** ocupa um lugar de primazia, bastando dizer que o consumo de matérias primas anda à volta de 60.000 toneladas anuais.

A marca **TEBE** garante a excelência de qualquer produto de malha ali confeccionado. O público já reclama os artigos **TEBE**. O comércio adquire-os, naturalmente, na proporção da procura, que é constante, pois já todos têm a certeza de adquirir um bom produto, devido à qualidade, perfeição de corte e acabamento.

Organização modelar e completa no seu género, a **TEBE**, é a única fábrica do País que se basta a si própria, no respectivo domínio, pois produz tudo quanto é necessário para a execução dos artigos que fornece ao mercado, sem depender das produções de qualquer outra unidade fabril.

J. F.

Rost & Janus, Sucr's., L.^{da}

Desde 1889 a mais importante organização do País, no género

Rua Barão de Forrester, 914 — PORTO

Secção de Malhas

Máquinas para malhas interiores e exteriores, meias e peúgas.
Máquinas acessórias e de costura especiais, de cerzir, etc.
Aglhas e acessórios.

Os melhores construtores mundiais representados por esta Casa.

Secção Industrial — Oficinas Metalúrgicas

Construtores de máquinas para dobar fio cruzado e de Tornos Mecânicos ROSEATE.
Reparações de máquinas e construção de peças acessórias de alta precisão.

Secção Jucker — Aquecimento

Representantes em Portugal da Casa Jucker, Italiana, construtores de:

Aerotermos

Para aquecimento industrial, por meio de vapor.

Humidificadores

Para a indústria.

Convectores irradiantes

Para o equipamento de instalação de aquecimento central por água quente.

Acessórios para vapor

Purgadores, Válvulas de redução de vapor, etc.

Queimadores de Gasoil e nafta

Domésticos e industriais, da afamada marca alemã Monarch.

Os nossos serviços técnicos estão aptos a estudar os diferentes assuntos especializados dos nossos estimados clientes.

Ao Snr. Mário de Campos Henriques

Com um abraço de sincero agradecimento do
Carlos dos Jornais

Escrevo com grande prazer
pedindo pois que me atenda,
aqui estou a agradecer
a sua bela encomenda.

As quadras vão de Lisboa
a desejar longa vida,
sua alma pura e boa
jamais será esquecida!

À <TEBE> eis meu louvor,
que fábrica magistral
pois a <TEBE> é sem favor
número um de PORTUGALI

Quem suas malhas usar,
decerto tem distinção
pois quem da <TEBE> trajar,
traja bem, com correcção!

Que malhas encantadoras,
expresso pois o meu sentir
a <TEBE> dá às senhoras
elegância no vestir!

A <TEBE> dá trajos belos
a <TEBE> não tem rival
a <TEBE> está em Barcelos
um jardim de PORTUGALI

Deveras reconhecido
com frases simples leais
assina-se agradecido
cá o Carlos dos Jornais!

OLYNDO MOREIRA & FILHOS, L.^{DA}

RUA PASSOS MANUEL, 53-1.º

PORTO



Fornecedores de fios para
a indústria de Malhas em
cores tintas na massa.

O presente número foi composto e impresso
nas oficinas da

Tipografia «Vitória» — BARCELOS

O Pintor Cândido da Cunha

Paisagista insigne lhe chamou o saudoso Mestre Joaquim Lopes.

E na realidade é na paisagem que culmina o extraordinário temperamento deste notável Pintor barcelense.

Não foi, seguramente, um cerebralista na pintura; um neopata na expressão pictórica.

A sua obra não reflecte nenhum dos estados patológicos que celebrizaram o génio de grandes pintores. Bem ao contrário. É calma e tranquila. Serena e repousante. Tristonha mas não doentia.

Este Poeta Pintor apaixonado pelos Crepúsculos, repete-os sem os tornar enfadonhos. A despeito de desfavorecido pela Fortuna, não se adivinha um drama na sua vida.

A contemplação dos seus quadros desperta o sentimento da paz de espírito. Aquela paz de espírito que eu já ouvi, na definição feliz e aparentemente contraditória num agnóstico, como sendo a Graça de Deus.

*

O falecimento do pai deixou-o em situação muito difícil. E D. Carlos de Bragança, Homem, Artista e Rei, que ventos circunstanciais não deixaram que resgatasse a Dinastia, foi, então, o seu Mecenas.

Em Paris apurou a sua Arte mas não desaprendeu de pintura em português. Ali pintou o «Sagrado Viático» admitido ao «Solon» de 1898.

A «Revista Moderna», que então se publicava na capital francesa, referiu-se-lhe nos seguintes termos: «Ao defrontarmos com a tela de Cândido da Cunha, vemos que estamos em frente de um forte e prometedor arcaboço de Pintor cuja inspiração é nobre e fácil... O viático é uma paisagem austera, de poesia grave e doce».

E talvez este «Viático», perdido no naufrágio do «Saint'André», seja o único grande Drama na vida deste Pintor, Sereno, Justo e Bom.

Décio Nunes

(Da Revista referente às Festas das Cruzes de Barcelos)

L. B. HOLLIDAY & CO. LTD.

HUDDERSFIELD, INGLATERRA

Fabricantes de anilinas para todos os fins

AMERICAN CYANAMID CO.

Intermediates and Chemicals Dept.
NEW YORK, U. S. A.

Produtos auxiliares para acabamentos

Representantes exclusivos para
Portugal Continental e Ultramarino:

Alfredo Barros & Irmão

RUA SANTA CATARINA, 500-1.º e 2.º

Telef. P. P. C. (2 linhas) 28887/8

Endereço telegráfico: DERBY

PORTO — Portugal

MÁQUINAS

PARA A INDÚSTRIA DE

MALHAS

Máquinas **COTTON** para meias finas de senhora, máquinas rectilíneas e circulares para malhas interiores e exteriores, máquinas de duplo cilindro para peúgas de homem e de criança, dos reputados fabricantes:

Gebruder Boehringer G. m. b. H.

Göppingen, Alemanha

H. Stoll & Co.

Reutlingen, Alemanha

Fouquet Werk Frauz & Planck

Rottenburg am Neckar, Alemanha



Acessórios para todos os tipos de máquinas sempre em stock nos representantes gerais para Portugal Continental e Ultramarino:

Alfredo Barros & Irmão

RUA SANTA CATARINA, 300-1.º e 2.º

Telef. P. P. C. (2 linhas) 28887/8

Endereço telegráfico: DERBY

PORTO — PORTUGAL

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de **SETEMBRO** os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Alberto dos Santos Miranda, Alda Amélia P. Cardoso, Maria de Fátima P. Fernandes e Maria José C. Miranda.

DIA 2 — José Augusto da Silva Pereira.

DIA 3 — António Quinta e Costa, Ari de Sousa Pereira e António da Silva Lopes.

DIA 4 — Maria Amélia F. Pereira.

DIA 5 — Jorge Ricardo da Silva Nunes.

DIA 6 — Maria Isabel F. Rente.

DIA 8 — Maria Francisca G. Neto e Maria Antónia A. da Silva.

DIA 9 — Rosalina Prazeres Gonçalves.

DIA 10 — Maria Adelaide Lopes Araújo, Maria Odete C. Guimarães e Maria de Lourdes P. dos Santos.

DIA 11 — Armando Alberto Azevedo Coutinho e José Machado.

DIA 12 — Manuel Machado Fernandes.

DIA 13 — Isaura Martins Vieira, Maria Arminda M. Salgado e Francisco Ribeiro da Costa.

DIA 15 — Rosalina Queirós de Araújo e Maria José Alves Cardoso.

DIA 16 — Teresa Miranda de Sousa, Rosa de Jesus C. Torres, Maria Justina Miranda Rego, Olf-

via Rosa P. da Silva e Maria da Conceição F. da Costa.

DIA 17 — Alexandrino dos Santos Cardoso.

DIA 18 — Joaquim Rodrigues, Maria da Glória Santos Pimenta e Deolinda da Silva Gomes.

DIA 19 — António Augusto Matos de Carvalho, Maria Rosa Meireles Coelho, Joaquina Sousa e Silva, Maria da Conceição L. da Costa, Alzira Fernandes e Deolinda Martins Lourenço.

DIA 20 — José Pereira Delgado, Domingos da Silva Santos, Maria Zulmira da Silva Fortes, Helena Alves Baptista e Maria Sofia P. Rodrigues.

DIA 22 — Domingos Marques Reis, Maria Célia M. Sousa e Maria do Carmo Leal Ribadas.

DIA 23 — Domingos da Costa Andrade, Cândida Pereira F. Lima e Maria Isaura P. Alves.

DIA 24 — Ana Gonçalves P. da Costa.

DIA 25 — Maria das Dores P. Rodrigues, Manuel Veloso Miranda, Maria Domingues de Araújo e Maria Carminda Martins Lopes.

DIA 26 — Manfredo Arnaldo da C. Silva.

DIA 27 — Alzira de Azevedo Gomes.

DIA 28 — Maria da Glória C. Amaral e Maria Luísa Neiva Velloso.

DIA 29 — Conceição Gomes Durães.

DIA 30 — Maria Alice R. Fernandes.

CAMINHANDO PARA UM BARCELOS MAIOR

Por CELSO CUNHA

BARCELOS, cidade valorosa pela sua história, cheia de um passado que a engrandece, precisa ver resolvidas algumas das mais prementes aspirações: *A Escola Comercial e Industrial e o seu Hotel.*

É certo que estes problemas precisam de ser estudados longa e demoradamente e só assim terão solução.

Mas tudo é possível quando o bairrismo, o entusiasmo e a inteligência derem mãos. Portanto o problema que hoje tratamos é um problema que interessa não só a Barcelos mas ao seu vasto concelho, e por essa razão merece a pena coadjuvar as melhores boas vontades para que, unidas, possam gritar como se gritou, ainda há bem pouco, em Famalicao: «obrigado, Snr. Folhabela Marques».

Imagine-se assim, portanto, a nossa alegria quando vier publicado no «Diário do Governo» a criação oficial deste grande me-

«Boletim Social da TEBE»

é um jornal honesto e que foi criado com o fim eminentemente salutar de purificar o espirito do trabalhador.

Malhas TEBE

Beleza e conforto numa eterna parada de modelos

lhoramento, assim como há poucas semanas veio a de Famalicao. Barcelos não só carece de uma escola industrial, como também de um modelar liceu para, desta maneira, se poder elevar o indice de cultura do nosso meio.

Em Barcelos não faltam inteligências e possibilidades para se tornarem realidades estes sonhos, que há muito vivem na alma da nossa gente.

N. R. — Por nos ser absolutamente impossível publicar o artigo na integra fomos forçados a reduzir-lhe a extensão.

BOUJHON & IRMÃO, L.^{DA}

Avenida Júlio Dinis, 26 r/c Esq.

LISBOA — N

TELEFONES { 773603 — 778685
761136 — 761137

Rua Antero Quental, 615

PORTO

TELEFONES — 40118/40119

Secção Química:

Anilinas e produtos químicos para as indústrias têxtil e curtumes

Representantes das Firmas:

Boehme Fettchemie GmbH — Dusseldorf e N. V. Fabriek Van Chemische Producten

Secção Térmica:

Isolamentos térmicos, anti-fogo e acústicos. Caldeiras automáticas, material para centrais térmicas, reguladores de temperatura, redutores de pressão, válvulas de passagem, bombas, purgadores, filtros e visores.

Contadores de vapor, Registadores de pressão e temperaturas, Manómetros, Termómetros e Pirómetros

Instalações de climatização, aquecimento e humificação

REFRACTÁRIOS MONOLÍTICOS

Estudos gratuitos de tubagens de vapor, retorno de condensados, recuperações e montagens.

FORNECEDORES DA **TEBE**

Carlos Cardoso

RUA DO BONJARDIM, 551-571 — PORTO

Telef. 24955 (4 linhas) — Teleg. CARDO

FILIAL:

RUA DA TRINDADE, 20-2.º — LISBOA

Telef. 32801 — Teleg. LISCARDO

Anilinas e Produtos Auxiliares

Insecticidas e Fungicidas

Especialidades Farmacêuticas

Representante de:

J. R. GEIGY S. A.

BASILEIA — SUÍÇA

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

LISBOA:

Largo do Chiado, 8

Telefone (P. B. X.) 30194/5/6/7 Telegramas: MUNDIAL

PORTO:

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 10

Telefone (P. B. X.) 25977/78/79

Capital e Reserva: 241 MIL CONTOS

M. Carvalho d'Abreu

LÂS ESTRANGEIRAS

MÁQUINAS INDUSTRIAIS

AGENTE E IMPORTADOR

Residência, TELEF. 22841 TELEFONE, 27340

Endereço Telegráfico: DABREU — PORTO

Rua Santa Catarina, 686 5/L

PORTO (Portugal)



Dirigida por Licínio Waldemar Esteves

Campeonato Regional

Famalicense Atlético Clube

O valor dum técnico que aturadamente vem orientando, de há épocas, as equipas juvenis deste clube, veio agora ao de cima, com a apresentação de uma equipa, quase constituída por elementos que pertenciam aos júniores do ano transacto. Dos jogos que os vimos fazer, notamos um sentido de ligação e técnica já adiantados, a dar-lhes direito, sem contestação, ao título de campeões do Minho.

Vitória Sport Clube (Guimarães)

Com a colaboração de um novo jogador, ex-Sporting de Braga, o Vitória conseguiu nesta época, em que o oquei no Minho progrediu, arrancar o 2.º lugar. Merecido, apesar da irregularidade das suas exhibições.

Cunha Gonçalves, continua a ser o "homem" da equipa... mau grado o seu excessivo nervosismo.

— No 3.º posto, Turismo Oquei C. Taipas, equipa irregularíssima guindou-se a este posto para o qual tem valor.

— Em 4.º o Académico de Braga, com boas e más exhibições, tem direito próprio a este posto na tabela e não necessitava de apoio de terceiros para o conquistar.

— De valor no Vianense só o guarda-redes, de resto, uma equipa em franco retrocesso. O 5.º lugar aceita-se, como se aceitaria o 6.º.

— Em 6.º aparece o nosso clube. Factores vários, levaram-nos a este posto, desde a doença de Carvalho, ao desastre de Fernando Pedras, que não permitiu ao 1.º, treinar com aquela indispensabilidade e ao 2.º, dar o rendimento necessário, dada a sua inferioridade física. Também influíram certas atitudes, que achamos oportuno esquecer. A assistência, só para o fim do campeonato compreendeu, que o Clube Desportivo da TEBE também é de Barcelos, o que aliás registamos com satisfação.

— Em penúltimo, o Oquei C. Barcelos. Miranda, a prestar serviço militar e Vitor, em época de exames, contribuíram para o abaixamento da equipa.

— Imerecidamente no último posto, o Vitória S. C. Barcelinhos, equipa nóvel, firmou, no entanto, valor suficiente para não ser esta, a sua verdadeira classificação.

As parures TEBE, finíssimas e belas, são o sonho acalentado por todas as jovens. Use sempre as malhas TEBE

Respeite-se o Adversário

O desporto é a principal base do desenvolvimento físico e como tal, tem que ser compreendido.

«Mens sana in corpore sano» a máxima latina, deve e tem que ser respeitada.

Veio o desporto de competição e com ele os vícios, que hoje se denotam, na maioria dos atletas.

O mundo atravessa, ou por outra avança num materialismo desenfreado, a que urge pôr termo.

Como frear tamanha avassalagem do desportista ao «resultado»? Não somos nós que vamos resolver o problema; podem, no entanto, ficar seguros, que sempre que tenhamos ocasião, batemos neste assunto, baseados talvez, no aforismo popular: «Água mole em pedra dura»...

Que lucra um atleta, em deixar de o ser, para se tornar numa máquina de praticar desporto, esquecendo as mais leves normas do respeito ao adversário, na sua condição de homem?

Na era dos «robots» também o homem, único ser que sabe estabelecer contrastes, os pretenderá imitar?

Quere-nos parecer infelizmente que sim.

A assistência é factor de grande vulto neste campo, pois são vulgares, cenas de incitamento, aos «ídeos» ou simples admirados, a deslealdades, que podem custar o inutilizamento do adversário quer para o aspecto desportivo, quer mesmo para o resto da vida. No desporto busca-se vitalidade, correcção física, para a longa caminhada da vida; eis uma grande verdade, que está a ser facilmente esquecida.

Desportistas: a solução do problema está nas vossas mãos e não nas nossas. Notai bem! O bom exemplo é a pior ofensa, que podeis fazer, aqueles que têm total, ou parcial ideia, do que é a boa educação e o respeito que todos vós deveis, (entre si) uns aos outros.

W. Esteves

Resultado Final

	J	V	E	D	F	C	P
Famalicense	14	12	1	1	83	26	39
V. Guimarães	14	10	1	3	61	26	35
T. O. C. Taipas	14	8	-	6	47	34	30
Académico	14	6	3	5	50	42	29
Vianense	14	7	1	6	46	34	26
C. D. da TEBE	14	5	2	7	31	42	26
O. C. Barcelos	14	3	-	11	20	81	20
V. Barcelinhos	14	1	-	13	18	65	16

Não publicamos resultados, por acharmos fora de tempo.

Verdades?

Com a possível participação dos grupos não apurados para as "poules" do Campeonato Nacional e no interesse de manter todos os clubes em actividade, até ao fim da época, vai o Clube Desportivo da TEBE levar a efeito no Rinquê da Cidade, a disputa duma taça.

Este torneio é superiormente organizado pela Associação de Patinagem do Minho.

O curso de árbitros deste ano, trouxe-nos dois árbitros, que prometem: Loureiro e Bezerra, respectivamente, de Barcelos e Famalicão.

Com exclusão do Taipas e Académico, todos os grupos do Minho têm treinador:

— Famalicense A. C.—Armando Veloso, que transitou do Vianense, onde foi substituído por Manuel Fernandes.

— Vitória S. C. Barcelinhos—Saramago, que se diz na próxima época ficar, como jogador-treinador.

— Clube Desportivo da TEBE—Fernando Ranito.

— Oquei C. Barcelos—Treinou no defeso orientado por Hildebrando Costa. Não agradou como treinador, apesar da sua comprovada categoria, como praticante.

O calçado «CELSE» é príncipe
Desta Pátria de Nobreza
Pois caminha sem desgaste,
Em pés de gente portuguesa!

C. C.

«CELSE» é um exclusivo da

CASA CUNHA

DE

Félix Luís da Cunha

BARCELOS

Está noivo?!...

Precisa de mobilar a sua casa?

Procure a **CASA TELES**

e encontrará o bom gosto e a perfeição... São móveis **TELES**? Comprou bem...

Móveis **TELES** são conhecidos pela sua duração.